108

PADRE JOÃO MENDES LIRA

A ESCRAVATURA E A ABOLIÇÃO DOS ESCRAVOS EM SOBRAL

5
e
1

SOBRAL - CEARÁ
1981

Padre João Mendes Lira

80,

A ESCRAVATURA
E A ABOLIÇÃO DOS ESCRAVOS
EM SOBRAL

1ª Parte

SOBRAL — CEARÁ

1981

DOADO POR José Alberto da Silva

OS PRIMEIROS ESCRAVOS DE SOBRAL

Os primeiros escravos de Sobral vieram em companhia de Antonio Rodrigues Magalhães, considerado o fundador desta cidade. Os documentos mais antigos que se referem a este assunto são seus "Autos de Inventário" e os de sua esposa Quitéria Marques de Jesus.

Segundo esta fonte histórica, de inestimável valor, Antonio Rodrigues Magalhães morreu de uma queda de cavalo, perto de sua Fazenda canindé, num lugar chamado Renguengue, "em dias do mês de Julho de 1757". A finalidade de sua viagem era inspecionar a Fazenda, falar com os moradores e rever o gado.

Não há referência em documento algum sobre a data da chegada deste grande líder à nossa Região. Acredita-se, porém, que em 1730 já estava casado, morando em sua Fazenda Macaco que ia do atual Teatro S. João até as Marrecas. O lado sul da atual cidade de Sobral compreendia a área de sua segunda Fazenda denominada Caiçara, origem de nossa terra. Com Antonio Rodrigues Magalhães moravam nove escravos:

"O negro João, o negro Manuel, o quebrado negro Sebastião, o molecão Mateus, o negro José, a negrinha Vicencia, a negrinha Tereza, a negrinha Maria e a negra velha Maria".

Antonio Rodrigues Magalhães era muito rico e homem religioso, temente a Deus. No ano de 1742, quando o Visitador Padre Lino Correia, "vindo da Povoação de S. José para o Riacho dos Guimarães passou pela Fazenda Caiçara ficou bastante animado com o local. Lo-

go disse ao seu proprietário que iria fazer da Fazenda a sede do Curato do Acaraú. *Imediatamente recebeu a* doação de cem braças de terra para a edificação da Igreja"

A educação religiosa de Antonio Rodrigues Magalhães, o seu bom caráter e a sua fé em Deus lhe induziam a dar um tratamento mais humanitário a seus escravos. Estes eram ocupados em *trabalhos específicos* das Fazendas e dos misteres caseiros.

Este homem era possuidor de 1723 cabeças de gado, numeroso rebanho que justifica muito bem o número de escravos disponíveis. Tudo leva a crer que os primeiros escravos de Sobral tinham um gênero de trabalhos mais humano sobretudo porque aqui não havia Engenho nem exploração de Minas, trabalhos onde a mão-de-obra escrava era bastante explorada.

As crônicas mais antigas referem-se a um "Pardo", chamado José Rodrigues, aqui residente, que edificara *um "Nicho"* dedicado a Nossa Senhora da Conceição no mesmo local onde foi edificada a atual Catedral de Sobral. Este fato vem confirmar o estilo de vida dos nossos primeiros escravos.

A este tempo não existia em Sobral as "Sensalas" donde se pode concluir que os escravos do fundador de *Sobral viviam como agregados vigiados*. Perto da atual cidade de Groairas (Antigo Riacho dos Guimarães) ainda existe uma casa dos meados do século XVIII, totalmente intacta, verdadeira relíquia histórica, onde se encontra a "terrível Sensala". Esta casa, centro da Fazenda, Groairas, mostra sem dúvida, um novo tipo de vida dos escravos ali sediados.

Depois que a Fazenda Caiçara tornou-se definitivamente sede do Curato do Acaraú a vida mudou muito. *Numerosas casas foram* construídas ao redor da Igreja, surgindo o comércio de gado e, com ele, as compras e vendas de escravos. O movimento religioso, social, político e econômico aumentou bastante levando o Governador de Pernambuco a interessar-se pela criação da Vila Distinta e Real de Sobral o que realmente aconteceu a 5 de Julho de 1773.

SOBRAL

O mais numeroso foco de Cativeiro da Província.

Raimundo Girão em seu Livro A Abolição no Ceará, 2.ª Edição Revista, *Publicação da Secretaria de Cultura* do Ceará — Fortaleza, 1969 — página 166 diz o seguinte: "No dia 2, Sobral, O MAIS NUMEROSO FOCO DE CATIVEIRO DA PROVINCIA, rompia os ferros, aliviando os últimos pulsos algemados".

Sobral, pelo fato de estar situada geograficamente numa posição invejável, bem no centro de três bacias hidrográficas, tornou-se, desde o início de sua colonização um pólo de convergência de toda a Região Centro-Norte do Estado. Sobral era um centro irradiador de todas as atividades políticas, sociais, econômicas e religiosas da vasta área dos Vales do Acaraú, do Coroeú e do Aracatiaçu e mais do Planalto da Ibiapaba.

Isto explica muito bem a quantidade de escravos em suas fazendas e outros serviços de exportação.

Segundo o Livro de Registro da Câmara de Sobral, de 1788 havia nesta cidade e suas adjacências 1413 escravos distribuídos nas 566 Fazendas.

D. José, em Seu livro História de Sobral — Ed. Pia Sociedade de São Paulo, Fortaleza — 1953, página 602 diz que os escravos em Sobral eram bastante numerosos e vinham de Pernambuco, Maranhão e Bahia. Os Senhores não costumavam praticar contra eles os horrores, de que estão cheias as crônicas do tempo. Em Agosto de 1881 haviam no Ceará 24.193 escravos, dos quais Sobral tinha 1.984.

O escravo do fim do século XVIII até a metade do século XIX era uma mercadoria muito comercializável e bastante cara. *O progresso sempre crescente do Brasil* exigia uma mão-de-obra abundante para satisfazer todas as exigências do seu desenvolvimento. Mas como era possível trazer para uma Região Interiorana, como a de Sobral que a este tempo monopolizava o comércio das "Charqueadas" tal como faz agora com o "Chapéu de Palha"? Apareceu uma solução, surgindo em nosso meio um "Corretor de Escravos".

E tanto é verdade que o escritor Raimundo Girão citando os corretores de escravos do Ceará afirma: "Na capital cearense tiveram destaque, neste negócio condenável, comerciantes de alta importância e conceio que, pelos jornais, sem qualquer escândalo, anunciavam a com-

pra nefanda. Os franceses Jacob Cohn, estabelecido desde 1848, Henriques Walkmann e Josef Alcain; Teléssforo Caetano de Abreu, Manuel Cornélio Ximenes, as firmas Luis Ribeiro da Cunha & Sobrinhos, Francisco Coelho da Fonseca & Irmão, Joaquim da Cunha Freire & Irmão, Viúva Salgado, Sousa & Cia., são nomes que freqüentemente aperecem como compradores nos livros de escrituras abertos nos cartórios da cidade, ex vi do Dec. 2699, de 28 de Novembro de 1860, e hoje guardados no Arquivo Público do Estado (ns. 356 a 362)".

Nesta lista citada por Raimundo Girão está um sobralense que tinha seu entreposto em Fortaleza mas a base era Sobral. A ele se deve certamente o grande número de escravos existentes na terra de Domingos Olímpio nas localidades vizinhas. Belém e a capital cearense eram as duas grandes filiais da Firma Ximenes de Aragão. Do Pará ao Ceará mantinha um comércio bastante lucrativo de escravos. Em Sobral, onde morava, era proprietário de quase todas as casas da atual Avenida D. José do trecho que vai do Museu Diocesano ao sobrado dos herdeiros do Sr. Francisco Radier Frota.

MANOEL CORNÉLIO XIMENES DE ARAGÃO

Nasceu em Sobral — Estado do Ceará, no dia 16 de Setembro de 1835. Filho legítimo de Anacleto Ximenes de Aragão e de D. Justina Maria da Glória.

Casou-se no dia 15 de Maio de 1858 com Francisca Saboia, nascida a 11 de Abril de 1835 e falecida no dia 25 de Março de 1910.

Faleceu no dia 9 de Agosto de 1907, dezenove anos depois da abolição dos escravos. Foi pai de dez filhos:

1.º) Augusto Saboia Ximenes de Aragão (1859-1894).

2.º) Maria Saboia Ximenes de Aragão (1860-1942).

3.º) Artur Ximenes de Aragão (13-7-1862) Nascimento. (8-6-1946) Falecimento. Casou-se com Luiza Furtado de Albuquerque.

4.º) Regina Saboia Ximenes de Aragão, nascida a 30 de Novembro de 1863 e casada com Antonio Enéas Pereira Mendes.

5.º) Amália Aragão, nascida em Sobral em 10 de Junho de 1866 e falecida no Rio a 15 de Dezembro de 1943. Casou-se com o Português Guilhermino Augusto de Sousa Pinto.

6.º) Julio Aragão, casado com sua prima Arolisa Quixadá Aragão. Nasceu a 14 de Setembro de 1868 e morreu a 1.º de Março de 1941.

7.º) Francisca Aragão, nascida a 17 de Novembro de 1870 e falecida a 23 de Março de 1937. Casou-se com João Barbosa de Paula Pessoa, filho do Senador Vicente Alves de Paula Pessoa. Este casal teve 14 filhos.

8.º) Estefânia Aragão, casada com Joaquim Aristides de Albuquerque.

9.º) Manoel Cornélio de Aragão Filho, nascido a 31 de Agosto de 1874 e falecido a 23 de Novembro de 1939 em São Paulo.

10.º) Flavio Saboia Ximenes de Aragão.

O Senhor Manoel Cornélio Ximenes d'Aragão deixou um livro manuscrito onde ele conta a vida de um Corretor de escravos. É um documento inédito, muito interessante, talvez ainda não conhecido pelos historiadores. Apesar de ser pai de 10 filhos, viajava a maior parte do ano. Era muito minucioso em suas anotações.

Na primeira página está escrito: Pertence a Manoel Cornélio Ximenes d'Aragão — 1880.

Embarquei no Ceará no dia 24 de Abril com muita chuva. Cheguei no Rio de Janeiro no dia 3 de Maio à noite e desembarquei no dia 4 às 10 horas. Para o tempo era relativamente rápida a viagem por mar ao Rio de Janeiro. Apenas nove dias.

Entreguei ao Sr. Timotheo de Sousa Spinola 32 escravos — sendo 11 homens e 21 mulheres, inclusive uma que no vapor antecedente lhe havia remetido. E mais três escravos no dia 13 de Maio. Cornélio. Curioso é o modo de se expressar referente a escravos: "entreguei ao Sr. Timótheo 32 escravos". O escravo era uma mercadoria qualquer que poderia aumentar ou baixar de preço, considerado como um animal irracional.

Estou morando na rua do Passeio, n.º 38, 2.º andar, continua o Sr. Cornélio. Ao viajar para o Rio, São Paulo e Belém fazia toda espécie de negócios sendo, porém, sua especialidade compra e venda de escravos, pois logo na segunda página de seu manuscrito lê-se: "100 braças em quadro levam mil pés de café e recebi uma carta do Esnesto para procurar, no Escritório Seixas dois chapéus de Palha da Itália que remeto ao Francsico Coelho para enfeitar-se.

Voltando a tratar de sua especialidade diz: "Nota relativa a escrava Ana a qual acompanha seu filho ingênuo — o nome Marculino — a qual me foi vendida pelo Sr. José Custódio dos Santos como Procurador de D. Maria Madalena de Sousa, moradora na Vila de S. João do Príncipe, Comarca dos Inhamuns, da Província do Ceará, cuja escrava foi matriculada neste Município com os NÚMEROS 2193 da Matrícula Geral e 24 da Relação em 26 de Setembro de 1873 faltando a matrícula do ingênuo Marculino que é expelida pelo comprador a imposição do Juiz de orfãos, de Leopoldina, Provincia de Minas que diz chamar a responsabilidade pela venda da escrava sem a matricula do filho. Como um bezerro, separado do convívio da mãe é remetido para o Ceará, assim os escravos comprados por um cearense na longínqua Leopoldina eram trazidos para o Rio e embarcados para o Ceará.

Apesar dos imensos gastos com a compra e a conservação dos escravos até chegarem a seus verdadeiros destinos, sua transação ainda compensava bastante. A morte de escravo era sempre um prejuízo. O sr. Cornélio não esconde esta preocupação quando anota: Maria e o ingênuo Lino estão seriamente doentes de pneumo*nia na Casa de Saude de Nossa Senhora da Ajuda.*

18 de Maio de 1880: Despesas que em acordo ficou reaizada com o Peres a respeito das minhas escravas — 797$320 reis restando 477$390 reis que devemos deixar de pagar visto as pessimas contas que apresentou.

O escravo só podia viajar com um passaporte. O imposto pago pela compra e venda de escravos era bastante apreciável, pois o Governo era quem mais se beneficiava com este nefando comércio.

"Quem deve tirar o passaporte é o dono do escravo, deixou escrito o nosso Corretor de escravos, embora tenha vendido por um recibo-visto que deve combinar o no-

me do Senhor que figura no passaporte com o da p curação. Rio de Janeiro, 25 de Maio de 1880.

Homem de uma capacidade extraordinária de trabalho, através de seus procuradores e revendedores estava fazendo negócios em quase todas as capitais do Império. Até de Porto Alegre importava escravos conforme esta sua declaração: "Comprei aos Srs. Franco Conceição e Benjamin dois escravos: Patrocínio, preto — 18 anos — procuração José Manoel da Silva e Sá — Porto Alegre. Alexandre Mota de 18 anos, matriculado no Município de Acaraú. Procuração de Ernesto Deocleciano de Albuquerque, este por 1.750$000 e aquele por 1.300$000 a trinta dias de prazo. Rio, 12 de Junho de 1880.

O PREÇO E A IDADE DOS ESCRAVOS

Na relação que fez dos escravos comprados aos Irmãos Santos, Cornélio mostra uma média da idade e do preço dos escravos.

1 —	Pedro	Preto	14 anos	350$000 (mil reis).
2 —	Bernardo	Preto	16 anos	100$000 (mil reis).
3 —	Tiago	Preto	24 anos	100$000 (mil reis).
4 —	Manoel	Preto	17 anos	200$000 (mil reis).
5 —	Saul	Preto	22 anos	150$000 (mil reis).
6 —	Venancia	Preta	19 anos	e seu filho ingênuo pela quantia de trezentos e cincoenta mil reis.
7 —	Bibiana	Preta	12 anos	400$000 (mil reis).
8 —	Carlota	Preta	24 anos	250$000 (mil reis).
9 —	Romana	Preta	18 anos	200$000 (mil reis).
10 —	Vitorina	Preta	15 anos	230$000 (mil reis).
11 —	*Salustiano . . . .*	*Pardo . . . .*	*37 anos . . . .*	*100$000 (mil reis).*
12 —	Telemaco	Preto	12 anos	275$000 (mil reis).
13 —	Joana	Preta	12 anos	200$000 (mil reis).

MODALIDADE DO PAGAMENTO

Sendo o escravo uma mercadoria como qualquer outra, a modalidade de pagamento era a mesma convencionada para todo tipo de transação comercial. A este respeito deixou o Sr. Cornélio a seguinte nota: "Recebi em pagamento da Escrava Gonçala uma letra a 90 dias da Firma Gustavo e outra para o mesmo tempo, sendo uma

de 1.000$000 e outra de 300$000. Rio, 12 de Junho de 1880". Mais adiante acrescenta: "Marta e Maria sua filha *com dois ingenuos* foram vendidos na Fazenda dos Criolos por 1.600$000. Não passou escritura e recebeu o dinheiro". Termina a nota com estes dizeres: — "pode-se passar escritura o sujeito dando a 6 meses 400$000 *por valimento*".

RELATÓRIO DA VENDA DE ESCRAVOS FEITO PELO CORRETOR SOBRALENSE CORNÉLIO DE ARAGÃO

O Sr. Manoel Cornélio na página 44 do seu pequeno livro manuscrito deixou-nos um molde de comercializa*ção de escravos.* Começa suas anotações sobre este assunto do seguinte modo: "Marta e Maria sua filha com dois ingenuos foram vendidos a Fortunato Joaquim Martins, morador na Fazenda dos Criolos por 1.600$000. Não *passou escritura*.

Isac foi vendido ao Dr. José Vericiano dos Santos no Arraial do Carmo por 1.200$000. Angela foi vendida a Estevão Lobo de Sousa também na Fazenda dos Criolos.

Luisa foi vendida por 1.500$000 a João Alves no Porto Velho e está doente em casa do Braga na Fazenda dos Criolos.

Inacia e Rita estavam amasiadas com o Peres e este não as queria vender e quando tratava-se de apartá-las gritavam elas como ele.

Francisco — preto, de 17 anos vendido por 1.800$000 *ao Sr. Francisco Ludolf — Fazenda S. Lourenço.*"

Nesta primeira anotação sobre venda de escravos nos revela dados bem preciosos. Primeiro ele diz que até para Porto Velho vendia escravos. Depois dá a en*tender que a Fazenda Criolos era uma espécie de arma*zens de escravos. Em terceiro lugar faz alusão ao costume da época, isto é, de os senhores viverem amasiados com as negras e, por último o alto preço a que chegavam os escravos, sobretudo as de sexo feminino como a Luisa, vendida por 1.500$000.

Continuando o seu relatório sobre a venda dos pobres infelizes diz: "Escravos que vendi ao Sr. Cristino Maria da Silva, morador em Minas Itatioaçu — Correio da Cidade do Bonfim: Simplicio por 2.000$000, mulato; Maria por 1.600$000 e Felismina por 1.600$000.

Passou letra para 20 de Março de 1881 com a promissoria na importancia de 5.596$000. Deu procuração para o Sr. José Antonio Flores na Corte assinar a escritura da venda".

"Escravos vendidos ao Sr. Francisco Ludolf:

Carlota — Preta por 1.600$000; Bibiana — Preta por 1.400$000; Pedro — Preto por 2.300$000 e a Pardinha Antonia por 700$000.

Vendi a Manuela a José Bento Medeiros por 100$000 para eu dar escritura por uma conta. Fazenda S. Frimo de Francisco dos Santos Pacheco."

NÚMERO DOS ESCRAVOS + INSCRIÇÃO

Algumas vezes o autor referia-se ao número de inscrição de seus escravos comprados e vendidos, como por exemplo:

Simplicio n.º 3.604; Felismina n.º 3.608; Guilherme n.º 3.671; Paula n.º 3.618; Raimunda n.º 3.612; Maria n.º 3.592; Maria n.º 3.622; Luisa n.º 3.670; Justina n.º 3.615, Manuela n.º 3.600; Francisca n.º 3.603 e Antonia n.º 3.619.

O Sr. Manoel Cornélio não se esqueceu de anotar alguns lugares em Minas Gerais onde havia facilidade de compra de escravos. Como bom comerciante conhecia todas as Praças de Escravos. Tornava, assim, eficiente seu comércio com os pobres negros. Na página 25 está escrito com sua letra: "Minas — Rio Novo — Amaro José Silva. Santo Antonio — José de Matos. S. José Tocantins — Francisco Peres da Luz, Candido da Silva Ladeira, José Maria da Mota".

Ao que tudo indica Manoel Cornélio possuía no Rio algum depósito de escravos. Tendo parentes na Capital do Império e muito bem relacionado era não só fácil para ele este armazém como útil uma vez que apareciam constantemente compradores e os embarques para o Ceará eram freqüentes.

Em uma observação curiosa ele deixa transparecer esta verdade. "Escravos novos pretos para liquidação seguirão a 22".

O nosso exímio corretor de escravos fazia toda espécie de negócio com os pobres negros africanos. Vejam só os leitores.

1 — Encomenda — O Sr. José Rodrigues Pessoa, morador em Minas, fazenda Varzea da Madre de Deus do Angu — quer em Março até Maio 8 escravos sendo 6 de dezesseis anos a vinte e duas escravas.

2 — Aluguel — Entreguei ao Sr. Luis Candido Lacombe, por aluguel, justo a 25$000 por mês o escravo Salustiano que comprei aos Irmãos Santos. Cabra de 37 anos conforme a nota que me apresentaram.

3 — Venda a prazo — Vendi ao Sr. José Joaquim de Siqueira, morador no Angu a escravinha Francisca de 11 anos por 900$000 e o escravinho Telemaco ao Sr. Francisco José de Paulo Moitinha por 1.675$000 por 60 dias.

4 — Promessa de compra — O Sr. Teodoro promete-me comprar o escravo Salustiano.

5 — Volta de escravos ao seu poder por falta do pagamento. "Segui para Cataguases a fim de receber os escravos do Mario visto não poder pagar".

6 — Vendi ao Sr. Elidio Cesario Figueiredo Cortês as mulatas Justina e Paula e recebi uma ordem a vista contra os Leite de Campos & Cia. no Rio de Janeiro da quantia de 2.400$000. (S. Bento, n.º 18).

7 — Aluguel com referência das características do escravo. Quando o Sr. Manoel Cornélio alugou o escravo Salustiano aos Irmãos Santos trazia a seguinte referência: Pardo, desdentado do lado superior, tem uma cicatriz no lado esquerdo da face representando apenas um risco e do lado direito, abaixo do olho mal divulga-se outro risco. Cabelo carapinha, pouca barba e já pintado, estatura regular, tem um dedo da mão um pouco encolhido por efeito de um panariço.

O negro de tanto sofrer, já estava todo deformado. É, realmente, difícil estudar-se o dia-a-dia dos escravos sem sentir-se profunda aversão a uma sociedade que fazia de seu semelhante um ser mais repelente, mais desprezível do que os próprios animais irracionais.

Atualmente fala-se muito que a sociedade está degradada, está arruinada. Não sei como comparar a sociedade escravocrata com a sociedade capitalista dos nossos tempos. Finalmente os romanos tinham razão quando diziam — "Homo hominis lupus" — o homem é o próprio inimigo do homem.

A FESTA DOS REIS CONGOS EM SOBRAL

A festa dos "Reis Congos" em Sobral era uma espécie de "Folclore" dos escravos que habitavam as Senzalas sobralenses. Os negros aproveitavam o Novenário em honra de Nossa Senhora do Rosário que começava no dia 24 de Dezembro e terminava no dia 1.º de Janeiro, para fazerem seus festejos.

Outrora, diz D. José, a atual Igreja do Rosário era conhecida por Igreja do Rosário dos Pretinhos, por ser administrada pela respectiva Irmandade, formada de homens de cor. Esta é uma das razões da escolha da referida Igreja como teatro desta festa escrava.

Antes de mil setecentos e sessenta já existia um pequeno nicho, construído pela iniciativa dos "pretinhos" e mais tarde destruído para ser edificada uma Capela de maiores proporções.

Esta festa consistia sobretudo numa auforria temporária (nove dias) a fim de que os negros pudessem eleger o Rei e a Rainha que deveriam reinar naquele ano.

Eleitos o Rei e a Rainha iniciava-se o ritual da tomada de cargo. Eles "cingiam uma coroa de folha de flandre, coberta de papel dourado trazendo o primeiro roupa vermelha e manto azul, enquanto a segunda trajava vestimenta azul com manto vermelho. Antes da primeira novena, um grupo de negros, montados a cavalo, ia buscar o Rei, que cos-

tumava esperar ora na Tobiba, ora no Alto das Imagens, ora na Cruz do Padre ou em outro sítio da vizinhança de Sobral".

Formado o cortejo, continua D. José, dirigiam-se todos à casa da Rainha, onde eram recebidos ao som de pífaros, caixa e maracás.

Em seguida o Rei, acompanhado de sua corte, marchava para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretinhos, e na porta principal aguardava a chegada da Rainha.

Ao entrarem na Igreja, os negros cantavam uma ária, nestes termos: "Arredar, senhoras, arredar. Deixem a Rainha passar: Viva o Rei Cariongo..."

Na tarde do dia de Ano Bom, depois da Procissão, reunidos todos, Reis e vassalos, no patamar da Igreja, cantavam saudosamente, muito lentamente: "Adeus, adeus! Adeus até p'ro ano Si nós vivo for".

Depois das folganças daquela noite conclui o autor acima citado, voltavam os míseros escravos aos seus rudes trabalhos e às suas penosas lides, conservando por muito tempo a lembrança das festas passadas e suspirando pelas futuras, verdadeiros oásis no árido deserto de sua existência.

O primeiro Rei foi o preto José Dias, escravo de Antonio Furtado dos Santos; a primeira Rainha foi a preta Esperança Mauá, escrava do dito Antonio Furtado. A primeira eleição deu-se no ano de 1797.

O último "reizado congo" foi em 1887. O Rei eleito — o Angelo, conhecido por Mestre Angelo e a Rainha — a Benedita, escrava de D. Jacinta Linhares.

FÓRMULA DE ALFORRIA DE ESCRAVO

"Digo eu abaixo assignado, que entre os demais bens que possuo de mança e pacifica posse, livre de hypotheca, embargo, e outro qualquer contrato, é bem assim huma escrava de Nome Maria, qualidade parda, de idade de trinta e dois annos; que se acha matriculada neste Municipio no dia 9 de Setembro do anno de 1872 com o numero 777 da matricula geral e N.º 1.º de ordem da relação apresentada: a qual Escrava de minha livre, e espontanea vontade lhe concedo por meio da presente carta sua liberdade, que dela gozará de hoje para todo o

sempre como se nascesse de ventre livre; e pesso a justiça de S. M. Imperial que dê a esta carta tôdo valor e força precisa, a fim de que nenhum de meus herdeiros, ou quem quer que seja possão ir contra sua validade: e por ser esta a minha vontade pedi ao Revdo. Vigário desta Freguesia Francisco Manoel de Lima e Albuquerque esta por mim passar em que me assigno com as testemunhas abaixo assignadas. Santa Quiteria, 3 de Junho de 1874.

Lucio Pinto de Mesquita
Testemunhas
José Lucas de Mesquita
Antonio Lopes Benevides."

Registrada a Folha 46 verso até a Folha 47 do Livro especial de escravos, em 15 de Junho de 1874.
Humberto Magno de Mesquita.

Havia outra fórmula mais simples como a que era usada em Sobral.

"João Felippe da Frota declara ao Snr. Collector das Rendas Geraes deste municipio que nesta data deu liberdade sem condição alguma a sua escrava Mariana, matriculada neste município por sua mulher Da. Maria Felina da Frota sob o n.º 1184.

Sobral, 21 de Dezembro de 1883.
João Felippe da Frota

Apresentada hoje e averbada no Livro Respectivo. Sobral, 24 de Dezembro de 1883.
Osmir Brito."

O ESCRAVO

Uma "coisa" que podia ser dividida e herdada por várias pessoas.

O Documento que se segue, extraído do Arquivo Público Estadual, n.º 371, mostra como era visto o escravo pela classe escravocrata do Ceará e conseqüentemente de todo o Brasil.

"CERTIDÃO — Cumprindo o despacho do Sr. Diretor desta Repartição, Certifico que dando busca nos documentos do Cartório de Tamboril encontrei os Autos de

inventários, por falecimento de Ana Martins Chaves, casada que foi com João de Araujo Barros, ás páginas 16, homologado a 14 de Maio do ano de 1853. Data do Inventário ano 1853. — Pagamento — feito ao herdeiro, Belchior de Araujo Barros da quantia de duzentos e oitenta mil cento e cincoenta e dois reis, que sai a margem 280$152. Deram o Juiz e Partidores para dito pagamento o escravo Victor Cristo de idade de cinco anos, no valor de duzentos mil reis, que sai a margem 200$000. Deram mais o Juiz e Partidores para dito pagamento a requisição de seu irmão Leonardo de Araujo Barros da quantia de dezenove mil oitocentos quarenta e oito reis que sai a margem 19$848. Deram mais o Juiz e Partidores para dito pagamento no valor do escravo José — cabra de idade de trinta e cinco anos avaliado por quatrocentos mil reis, a quantia de sessenta mil trezentos e quatro reis, que sai a margem 60$000. 281$152. Declarou mais haver uma posse de terra no lugar Saco no fio da Serra das Matas deste Termo, que foi avaliado por cem mil reis que sai a margem 100$000. Por esta forma houveram o Juiz e Partidores por feito o pagamento do herdeiro Belchior de Araujo Barros, do que para constar fiz este termo, em que se assinaram. Eu, Joaquim Dias Martins Junior, Escrivão o escrevi. Paulo Pessoa, Manoel José Coelho, Manoel Ximenes Aragão. Inteirado. É o que se contem em dita parte de inventario requerida, foi copiado fielmente e datilografado. Arquivo Público do Estado em Fortaleza, 5 de Agosto de 1975. Maria Violeta Rocha. — Datilografo. Confere: Albergênia Castelo Branco.

VISTO:

José Alberto Belem de Holanda
Diretor do Arquivo Publico."

Este impressionante documento nos revela que, o herdeiro Belchior de Araujo Barros, dos duzentos e oitenta mil cento e cincoenta e dois réis que lhe caberia como herança recebeu o escravo Victor Cristo de idade de cinco anos avaliado em duzentos mil réis. Faltando-lhe sessenta mil trezentos e quatro réis o Juiz e Partidores acharam por bem dar-lhe uma parte do escravo José-cabra, de trinta e cinco anos de idade, avaliado em quatrocentds mil réis e o restante em moeda corrente do Império.

O Senhor Belchior tinha, portanto, um "pedaço" do escravo José-cabra, correspondente a sessenta mil trezentos e quatro réis.

N.° 7

TAXA DOS ESCRAVOS.

EXERCICIO DE 1877-1878

Certifica que do respectivo livro de Lançamento consta que [illegible] Raimundo Roiz Magalhães de nacionalidade brazileira residente á rua [illegible] desta Villa

N.° ___ é devedor á Fazenda Nacional, no exercicio supra, da quantia de quatro mil reis [illegible]

Collectoria das rendas geraes do municipio de Ipú em 30 de Julho de 1877

O ESCRIVÃO,

Reginaldo Luiz da Costa

Multa de ___ % que se addiciona á presente certidão. Não tem

Em ___ de ___ de 187

O ESCRIVÃO,

Recebi a quantia de quatro mil reis

proveniente do imposto acima declarado Collectoria do Ipú

Em 1.° de Fevereiro de 1878

O COLLECTOR,

Manoel [illegible]

Assim era tratado o escravo — uma pessoa humana — igual a todos nós.

LEIS REFERENTES À ABOLIÇÃO DOS ESCRAVOS

1830 — A Inglaterra assinou com o Brasil um tratado que estabelecia a duração do tráfego até 1830.

O Governo brasileiro, entretanto, não chegou a cumprir totalmente este tratado, pois o desenvolvimento da agricultura precisava muito de mão-de-obra e sem o escravo era impossível o progresso na agricultura.

1830 — Chegam ao Brasil mais cem mil escravos. A entrada ilegal de escravos no Brasil inquietou a Inglaterra e, assim, resolve tomar uma medida mais enérgica.

1845 — Fica estabelecido que os navios negreiros seriam perseguidos e apresados pelos ingleses até mesmo na costa brasileira. Era a famosa Bill Aberdeen.

1845-1850 — Aumento considerável do contrabando de escravos.

4 de Setembro de 1850 — Lei Eusébio de Queiroz. Punia com penas severas os que transportassem negros para o Brasil.

1854 — Termina definitivamente o tráfico de escravos no Brasil.

1871 — 28 de Setembro. Lei do Ventre Livre.

1884 — Reação dos Jangadeiros cearenses contra a entrada de escravos no Porto do Mucuripe. "Pelo Porto do Mucuripe não desembarcará mais um escravo".

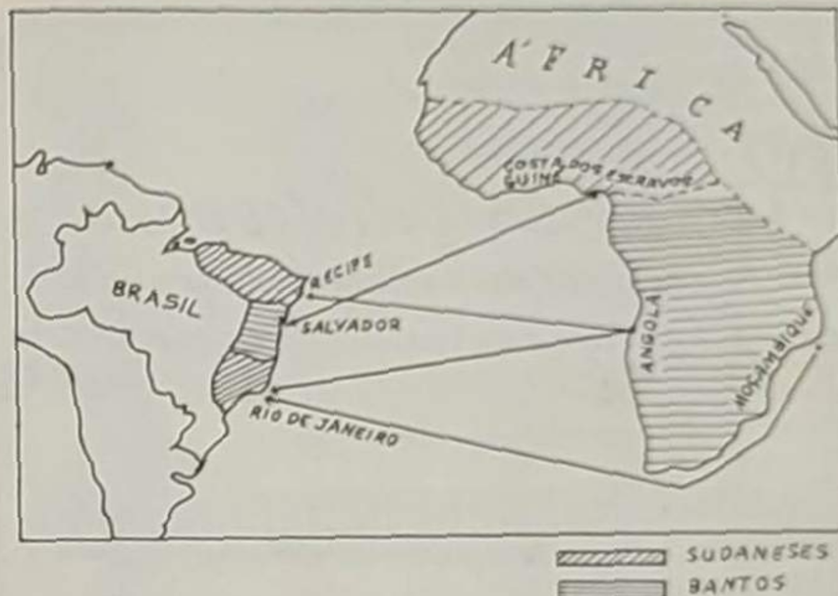
1885 — 28 de Setembro. Lei dos Sexagenários. Libertação dos escravos que tivessem mais de 65 anos.

1888 — 13 de Maio. Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel que libertava todos os escravos do Brasil.

LOCAIS DE ORIGEM DOS NEGROS AFRICANOS NA OPINIÃO DE HAROLDO DE AZEVEDO

A SOCIEDADE ESCRAVOCRATA DE SOBRAL

Quase todas as grandes civilizações que atingiram um nível superior de cultura e conquista adotaram a escravidão.



Um número incalculável de escravos construiu as famosas Pirâmides de Quéops, Quefren e Miquerinos, no Egito. Os Fenícios se enriqueceram com o comércio de escravos.

Trinta e cinco mil escravos trabalharam ininterruptamente na construção do Coliseu Romano, o grande anfiteatro de Roma, começado por Vespasiano e concluído por Tito no ano 80 que acomodava mais de oitenta mil pessoas.

Na época Moderna (1453-1789), quando se iniciaram os descobrimentos e começaram a aparecer novos impérios, voltou a escravidão a dominar depois que a Igreja conseguiu, durante a Idade Média, reduzi-la em grande parte.

Inglaterra, Espanha, França e Portugal necessitavam de braços para o cultivo das terras descobertas uma vez que o aborígena não se prestava para este mister.

Formou-se, então, em todas as colônias Européias do Continente Americano uma sociedade escravocrata. A escravidão, na sua forma mais rígida, foi introduzida no solo americano.

Os nossos primeiros colonizadores foram adeptos militantes da escravatura. Os jornais do século passado re-

Jornaes 1787

Registo dos Bilhetes passados para pagamento de Jornaes de Escravos alugados p.a o Costeyo da Real Extracção dos Diam.tes

8
Livro de Registros de Escravos – 1787 (capa)

8(a)
Livro de Registro de Escravos – 1787 (folha)

tratam muito bem o que era a nossa sociedade com referência à escravatura.

No jornal "O Sobralense" de 27 de Junho de 1875 *lê-se o seguinte: BOA RECOMPENSA* — A quem pegar o escravo Antonio, idade 26 anos, preto, corpulento, espadaudo e estomago levantado, falta de um dente na frente, olhos grandes e muito sambista. Supõe-se que o mesmo entrou para os sertões do Piauí e quem o apreender e o entregar em Terezina ao Sr. Eugenio Marques de *Olinda; nesta Provincia na cidade de Sobral* ao Sr. José Firmo Ferreira da Frota etc. Irmão; na Granja aos Srs. Antonio Bevilaqua etc. Filho e na Capital aos Srs. Joaquim da Cunha Freire etc. Irmão, será bem gratificado. Assinado Firmino Bevilaqua".

O escravo em nossa terra era também uma mercadoria como outra qualquer. No *jornal* acima citado há um aviso com os seguintes dizeres: "Escravos — A Rua da Vitória (hoje Domingos Olímpio) n.º 27 compra-se escravos de 12 a 40 anos que sejam sadios... Antonio Lorenço Gomes compra escravos de ambos os sexos e paga-os por altos preços.

Nestas duas passagens descritas pelo Sobralense podemos concluir que o comercio de escravos era controlado por altos negociantes, constituindo uma espécie de "Truste" atual. Os negociadores se esqueciam de que a mercadoria em apreço era um ser humano. O que interessava era o maior volume de compra e venda. O Sr. Firmino Bevilaqua fazia parte da grande rede dos negociadores de escravos, abrangendo as cidades de Terezina, Recife, Fortaleza, Sobral, Granja, etc.

"José Carlos Figueira de Saboia, gratifica bem a quem apreender e vier entregar nesta cidade o escravo Mariano, 24 anos, estatura pouco mais que regular, cheio de corpo, *cabra e caboculado*, dentes limados, um pé mais grosso que o outro. Residia no Engenho de Itaboray, em Pernambuco, donde veio em Fevereiro deste ano. Achava-se alugado na Padaria do Sr. Franklim de Aleluia Malveira, donde fugiu a 13 de Junho do corrente ano. Sobral, 20 de Junho de 1875."

Assim viviam os sobralenses no século passado. Um dos produtos que mais deixava divisas era o escravo. Os comerciantes, pagavam à Prefeitura uma taxa, no ato da inscrição do escravo comprado. Eis um modelo: Taxa,

dos escravos. — Exercicio de 1877-1878. Certifico que do *respectivo livro de lançamento* consta que o Capitão Raimundo Rodrigues Magalhães, de nacionalidade brasileira, residente á rua Goela, nesta vila, é devedor á Fazenda Nacional, no exercicio supra, da quantia de quatro mil reis proveniente de um escravo.

Coletoria das Rendas Gerais, 30 de Julho de 1877. O Escrivão Reginaldo Luis da Costa." Abaixo da assinatura do escrivão havia uma nota: "Recebi a quantia de mil réis proveniente do imposto acima declarado. Em 18 de Fevereiro de 1878. O Coletor — Manoel Henrique de Aragão.

Quando o movimento abolicionista tomou conta do Brasil, Sobral logo aderiu. Lemos nos Livros das Rendas *Gerais do Município de Sobral* o seguinte: "João Felipe da Frota declara ao Sr. Coletor das Rendas Gerais deste Município que nesta data deu liberdade sem condição alguma a sua escrava Mariana, matriculada neste mesmo Municipio por sua mulher D. Maria Felina da Frota sob o n.º 1184. Sobral, 21 de Dezembro de 1883. João Felipe da Frota".

A escravidão dava uma moldagem toda especial à sociedade. A senzala, a habitação comum dos negros, onde amarrados, após o trabalho duro do dia, cantavam durante a noite, suas nostálgicas canções. A mãe preta que ajudava na criação dos filhos do Patrão.

As liteiras existentes no Museu Diocesano também dão uma idéia do que foi a nossa sociedade escravocrata.

A ABOLIÇÃO DOS ESCRAVOS EM SOBRAL

A generosidade, a grandeza de espírito e a fidalguia, virtudes tão peculiares aos nossos antepassados, foram transmitidas aos sobralenses de modo invulgar. Sempre nossas atitudes como "povo", como "sociedade" repercutiram profundamente em todo o Estado. Isto é sinal de um patrimônio elevado que herdamos.

O jornal "O Liberador" de Fortaleza de 21 de Dezembro de 1883 confirma esta idéia com o artigo "Sobral, Cidade Livre". *É uma página digna dos Sobralenses.*

"A bela cidade de Sobral, a mais adiantada da Província depois da Capital, acaba de proclamar-se totalmente livre de escravos!

Em 19 do corrente recebemos daquela florescente legião do território cearense diversos telegramas, dando-

-nos a grande nova de a igualdade cívica se estabelecera definitivamente no seio da patriótica população sobralense.

A nefanda instituição caiu de Sobral, como em outros pontos da Província, isto é, à força de vontade persistente e tenaz de nossos irmãos libertadores.

Civilizado, nobre e generoso, como se há mostrado o povo Sobralense em todos os momentos solenes, — impossível se tornara que continuasse a ser uma exceção odiosa no meio do grandioso movimento abolicionista do Ceará.

Chegou afinal a sua vez de merecer os aplausos de todos os homens de coração.

Centro de população considerável, comerciante e agrícola ao mesmo tempo, Sobral ainda contava um número considerável de escravos.

Supos-se que esta grande cifra seria um obstáculo insuperável à louvavel aspiração de declarar-se livre a heróica cidade.

O sentimento de humanidade poude mais que tudo. Sobral compreendeu que a escravidão condenada pela sã filosofia, pelo direito e pela religião, era incompatível com o nome ilustre, que ocupava na história da Provincia, e esmagou o monstro que pretendia isolá-la da comunhão feliz e venturosa das vilas, cidades e municípios livres do Ceará.

Restavam-lhe 117 vítimas do hediondo cativeiro, as quais acaba de restituir á Pátria como verdadeiros cidadãos, revestidos de todos os direitos, e garantias sociais.

Êste acontecimento causou o mais vivo júbilo no seio da generosa população sobralense. Imediatamente o povo fez passeatas e deu as mais expansivas manifestações de seu contentamento e entusiasmo, ao ver realizado tão grado e fausto sucesso.

E, para que o feliz empreendimento não tivesse o maior realce e brilhantismo, um irmão do ministro negreiro não quiz liberar um único e pobre escravo que possuia.

Enquanto todos levavam ao altar da Pátria as primícias de seu amor e civismo, elevando e enobrecendo o nome cearense na gloriosa cidade de Sobral, alguem procurava enegrecer o fundo desse quadro majestoso.

Era um irmão do Sr. Rodrigues Junior, ministro da guerra.

A singularidade do ato, a sua pequenez e baixeza avultam a redenção de Sobral.

Assim não foi menos brilhante nem menos solene a data de 19 de Dezembro, que festejamos e saudamos com todo o entusiasmo.

Salve, pois, o grande e generoso povo cearense.

Que a aurora esplendente de 1884 ilumine a invicta e gloriosa cidade, abrindo-lhe uma época de felicidade e venturas".

O ENFORCAMENTO

UMA DAS MANEIRAS DE PUNIR OS ESCRAVOS EM SOBRAL

"Há muito que a então cidade de Sobral, crismada em Januária por bajulação à irmã do Imperador, dormia dentro do luar de Maio, quando Joaquim Francisco Rêgo, vindo dum sertão em companhia de amigos, meteu a pesada chave de ferro na fechadura de broca da porta de sua casa. No dia anterior Francisco Rêgo tinha sentido alguns maus presságios, anunciando algum desastre."

O coração batia-lhe apressadamente no peito ao lembrar-se desses presságios. Perquiriu rapidamente a rua Direita e ainda a pouco construida. Nisto um vulto escuro, saindo duma moita de carrapateira correu para êle e, sem lhe dar tempo de recuar ou defender-se, deu-lhe forte pancada no abdomem. Cambaleou com o choque e, levando as mãos àquela parte do corpo, retirou-as molhadas de sangue. Uma grande dor rasgou-lhe as entranhas. Com um gemido surdo emborcou no chão torcendo-se a murmurar: "Urubus... O Bezouro! O assassino fugiu agachado, procurando as sombras das casas, das moitas e das árvores. Tinha-o reconhecido, o miserável! Pôz-se a gritar quando a dôr o permitia.

— Aqui d'El Rei, que morra!

Abriram-se algumas janelas. Brilharam algumas luzes. Apareceram alguns vizinhos. Deram com êle arquejando. Ainda teve fôrça para dizer: Foi o meu escravo Sebastião quem me matou. Depois imobilizou-se no sono eterno sob a carrancuda direção do juiz de Paz Minguel Francisco do Monte. O cirurgião aprovado João Feliz Ferreira Lobo fêz no cadaver o exame pericial, que o escrivão Policarpo de Sousa autuou em sua rasgada letra cursiva. A facada vibrada de modo certeiro perfurara o estômago.

Joaquim Francisco Rêgo, homem branco, casado e estabelecido com loja de fazenda na rua do Rosário, era

natural de Pernambuco e cursara em Olinda a Academia de Direito até o 3.º ano. Houve diligência para a captura do criminoso. Os dois capitães do mato, Luciano e Sabino, foram procurá-lo, ajudados pelo rastejador Chico Sapateiro. A 6 de maio de 1841, quatro dias após o crime trouxeram amarrado o negro. O réu confessou tudo. Tinha roubado um pouco de aguardente e com mêdo do castigo, resolveu matá-lo.

O juíz achou que devia ser incurso no gráu máximo da culpa segundo o artigo 192 do Código Criminal. Eis a setença: Em virtude da decisão retro, condeno à morte o escravo Sebastião por haver morto o seu Senhor como se vê nos autos. Depois de preenchidas tôdas as formalidades legais, o escrivão remeteu ao Juíz competente êstes autos para execução desta sentença, pagas as custas pelos bens do finado.

Êste crime retrata uma angústia, mostra um estado de alma, demonstra também os costumes da época.

Dentro da História encontramos alguns fatos, alguns acontecimentos, alguns crimes que se tornaram célebres como o assassinato de César, do Arquiduque da Áustria, a morte de Joana D'Arc, e a de Maria Stuart.

Êles encerram um estado social de grandes repercusão na alma de um povo".

A ALFORRIA DE ESCRAVOS EM SOBRAL ANTES DA ABOLIÇÃO

Um povo sem história é um povo sem cultura. A história é um laço entre o passado e o presente. Ela abre sempre novas perspectivas, novas dimensões para o futuro. Apresentando a trajetória heróica e gloriosa dos antepassados incentiva o progresso, o idealismo, a vontade de afirmação.

Uma nação que não tem heróis, não possui evocações históricas, base indispensável para o amadurecimento de sua gente.

Ultimamente, Mussolini desejava fazer da Itália aquela aguerrida e forte Itália dos Césares. Desejava suscitar heróis como Júlio Cesar, Augusto, Cícero — considerado o Pai da Pátria — Ciprião, o Africano, Marco Aurélio, intitulado o Imperador Filósofo e muitos outros heróis da antiga Roma. Ele sabia que estes homens foram e ainda são apresentados à juventude como exemplos para uma arrancada de dinamismo.

Na Alemanha atual ainda se fala em néo-nazismo e os grandes vultos do nazismo passado que de fato construíram uma Alemanha grande são trazidos à consideração das novas gerações. Um povo, portanto, sem evocações históricas dificilmente se reanima.

Nasser, considerado um dos maiores homens do mundo árabe na atualidade, sonhou com um Egito Imperialista como ao tempo dos Faraós. A corrida ao passado despertou tanto entusiasmo, sobretudo porque foi apresentado com novas modalidades, que acabou projetando o País de Cleópatra no cenário mundial como uma nação que se afirmava.

Desde que o Brasil começou a se voltar para si próprio, no momento em que nossa Pátria começou a dar valor à História, a seus heróis, a mostrar sem medo os feitos de seus antepassados como incentivo, houve um ressurgimento impressionante. O progresso cresce com a história.

Sobral, dado seu passado histórico, sua base sócio-cultural foi um dos primeiros pontos da Província do Ceará onde se iniciou a generosa libertação dos escravos. Já em 1871 fundava-se aqui a Sociedade Abolicionista que prestou inumeráveis serviços à causa da abolição dos escravos.

A partir desta data, todo acontecimento de maior destaque constituía-se em motivo suficiente para a Alforria de escravos.

Assim, em regozijo pela inauguração da Estrada de Ferro de Sobral foram libertados a 31 de Dezembro de 1882 os seguintes escravos:

1 — João	12 anos alforriado por Joaquim Ribeiro de Moraes
2 — Ana	22 anos alforriada por Manoel Artur da Frota
3 — Ines	24 anos alforriada por D. Maria Carolina Ribeiro da Silva
4 — Tereza	29 anos alforriada por D. Maria de Lira Pessoa
5 — Rafael	37 anos alforriado por João Mendes da Rocha
6 — José	13 anos alforriado por João Mendes da Rocha
7 — Delfina	51 anos alforriada por D. Isabel de Castro
8 — Vicente	55 anos alforriada por Major Sanches Ferreira Gomes
9 — Agostinho ...	12 anos alforriado por Manoel da Ponte Franca
10 — Feliciano	16 anos alforriado por Antonio Lourenço Gomes
11 — Tereza	12 anos alforriada por Miguel Antonio Linhares

Estes dois últimos foram libertos pela quantia de .. 266$000, produto de uma subscrição promovida por Ma-

noel Artur da Frota e outros amantes da causa abolicionista sendo Feliciano por 167$000 e Tereza por 84$000 (oitenta e quatro mil réis), vultosa quantia para o tempo.

Era, assim, Sobral, pioneiro das grandes causas. "*Se a História se repete, procure conhecê-la para entender o hoje e prever o amanhã*".

A SOBRALENSE MARIA TOMÁSIA

A paladina, a campeã da Abolição dos Escravos no Ceará

> "Se esta heróica cidade (Fortaleza) foi o quartel general do pensamento emancipador, a seus generosos habitantes corre, neste momento o glorioso dever de reduzir a estilhaços os ferros dos poucos cativos que ainda protestam contra a lei que, há três séculos os tem seqüestrado das comunhões civis e políticas". (Maria Tomásia).

MARIA TOMÁSIA nasceu em Sobral a 3 de Março de 1826. O seu batistério está registrado no Livro de Batizados da Paróquia de Sobral, folha 62 — ano 1825-1829, atualmente na cúria diocesana de Sobral.

"Maria, *filha legitima de José Xerez Furna Uchoa e* Ana Francisca Figueira de Melo naturais e moradores nesta Freguesia. Nasceu a 6 de Dezembro de 1826 e aos 13 de Janeiro de 1827 foi batizada solenemente com os Santos Óleos no Rosário por mim Vigário. Foram padrinhos Quintiliano Pinto de Mesquita e Maria da Purificação e Vasconcelos moradora nesta Vila e aquele morador no Macaco, Freguesia de Santa Quitéria de que para constar mandei fazer este assento em que assinei. O Vigário João Crisostomo de Oliveira".

A grande defensora da "Causa Abolicionista" em todo o Ceará casou-se *muito moça*. Aos 15 anos contraiu matrimônio conforme refere o Livro de Casamento de Sobral n.º 6, folha 149 — verso, 1787-1841.

"Aos 21 de Dezembro de 1841 na minha presença e das testemunhas Francisco de Paulo Pessoa e Antonio Furtado de Mendonça se receberam em matrimonio por palavra de presente Rufino Furtado de Mendonça viuvo

que ficou por falecimento de sua mulher Maria Quitéria, sepultada nesta Matriz, com Maria Tomásia do Livramento, filha legitima de José de Xerez Uchoa e Ana Figueira de Melo e no dia 7 de Janeiro de 1841 foi dada as bençãos nupciais na forma do Ritual Romano pelo Reverendo Antonio da Silva Fialho de Minha licença todos naturais e moradores nesta Freguesia. E para constar mandei fazer este assento em que assino. O Vigario interino Francisco Antonio de Melo".

MARIA TOMÁSIA casou-se duas vezes. O segundo matrimônio foi a três de Março de 1859, 18 anos após o seu primeiro enlace matrimonial segundo está consignado no Livro de Casamentos da Freguesia de Sobral 1857 a 1867, folha 48.

"A 3 de Março de 1859 em casa de morada do Nubente nesta cidade, depois de feitas as diligencias de estilo o que não resultou impedimento algum em minha presença e das testemunhas Capitão José Carlos Figueira de Saboia e Capitão Francisco Linhares se receberam em matrimonio Francisco de Paula Lima e D. Maria Tomasia Furtado de Mendonça, viuva do Coronel Rufino Furtado de Mendonça, sepultado no cemiterio desta cidade e ele filho legitimo de José Felicio de Oliveira, natural da Freguesia do Aracati e morador nesta cidade, onde chegou *de menor idade sendo-lhe por isso* dispensados os proclamas de sua naturalidade. Para constar fiz este termo que assino. O Vigario interino Vicente Jorge de Souza".

MARIA TOMÁSIA casou-se em segundas núpcias com um abolicionista ferrenho e, com seu temperamento arrebatador, aos poucos foi chamando a si a causa abolicionista no Ceará.

Morando em Fortaleza facilmente se relacionou com todos os líderes abolicionistas do Estado. Desejava fazer parte de um Organização Feminina em que fosse possível dar tudo de si. Em 1882 chegou sua real oportunidade.

Raimundo Girão, em seu Livro "A Abolição no Ceará" comenta o fato da seguinte maneira: "A idéia de uma associação de senhoras incorporada à campanha remontava aos dias embrionários da Perseverança e Porvir, e nem era crível faltassem, na arena de tão bela competi-

ção, os encantos e o espírito das mães, esposas e filhas dos guerreiros da refrega abençoada."

"A imprensa convidava-as, e a quem mais quisesse, para uma *reunião em a noite* de 18, na chácara de José do Amaral, no Benfica, a fim de organizar-se "uma sociedade abolicionista das distintas filhas do Ceará, das dignas irmãs de Iracema".

"A reunião efetivou-se, continua Raimundo Girão, e surgiu o novo exército, o "da grandeza da mulher com todas as suas fascinações". Patrocínio, presente, soltou a frase: "É preciso fazer da fraqueza da mulher o mais forte de todos os poderes, a evangelização pelo encanto, a libertação pela magia da *sua graça*".

"Foi aclamada uma diretoria provisória: Diretora-Geral — MARIA TOMÁSIA FIGUEIRA LIMA; 1.ª Vice-Diretora — Carolina Cordeiro; 2.ª Vice — Luduvina Borges; 1.ª Secretária — Jacinta Augusto Souto".

Agora, como Diretora de uma "Organização Feminina" em prol da Abolição dos escravos no Ceará, iniciou uma campanha tão forte que em todas as cidades em que chegava era vivamente ovacionada.

O autor acima citado descrevendo-lhe sua personalidade, assim se expressa: "MARIA TOMÁSIA era sobralense, descendente das tradicionais famílias Figueira de Melo, Xerez e Viriato de Medeiros e em segundas núpcias casada *com o abolicionista* Francisco de Paulo de Oliveira Lima. Apesar de não possuir grande cultura, tinha fáceis dons oratórios e sabia impor-se à consideração geral pelos seus dotes morais e presença de espírito. Não se fatigava no trabalho que lhe confiavam, inclusive este de dirigir uma associação como a recém-instalada. Dela disse Elvira Pinho: "Era mulher extraordinária, intrépida e incansável a Presidente das Senhoras Libertadoras. O seu papel no movimento abolicionista só se pode descrever satisfatoriamente *em volume especial*. Mulher dinâmica e ilustrada, Maria Tomásia foi a alma da campanha feminina desse feito que enobreceu o Ceará".

Estas palavras de Elvira Pinto resumem tudo o que se poderia dizer da grande sobralense. "O SEU PAPEL NO MOVIMENTO ABOLICIONISTA SÓ SE PODE DESCREVER SATISFATORIAMENTE EM VOLUME ESPECIAL".

MARIA TOMÁSIA, no dia da instalação da Diretoria da Sociedade das Cearenses Libertadoras recebeu do Dr. Almino doze cartas de alforria de *escravos*.

Em 1883 o Município de Fortaleza liberta solenemente seus escravos. Em sessão magna realizada no salão nobre da Assembléia Provincial falou Maria Tomásia e um comentarista exclamou: "A oração de Maria Tomásia, pelo calor com que foi pronunciada, valeu por uma convulsão".

O exemplo de Fortaleza incentivou a muitas cidades do interior a fazerem o mesmo.

Assim, no dia 2 de Janeiro de 1884 foi a vez de Sobral. Maria Tomásia não estivera presente, pois a idéia já estava por demais amadurecida. Neste dia, "o mais numeroso foco de cativeiro da Província, rompia os ferros, aliviando os últimos pulsos algemados".

MARIA TOMÁSIA, porém não podia ficar tranqüila enquanto não visse o Ceará todo liberto. Continuava a lutar, a falar, a visitar cidades, a fazer comícios, a angariar donativos para alforria de escravos. A grande sobralense já estava conhecida em todo o Estado.

No dia 25 de Março de 1884, triunfante, assistiu à Sessão Solene na qual o Presidente da Província SÁTIRO DE OLIVEIRA DIAS declarou de modo vibrante a Abolição dos Escravos na Província do Ceará — A PROVÍNCIA DO CEARÁ NÃO POSSUI MAIS ESCRAVOS!

Homenageadíssima, diz Raimundo Girão, aparece MARIA TOMÁSIA, "a incansável protetora dos cativos".

A EXTRAORDINÁRIA MARIA TOMÁSIA

Maria Tomásia, diz Raimundo Girão, era sobralense, descendente das tradicionais famílias Figueira de Melo, Xerez e Viriato de Medeiros, e em segundas núpcias casada com o abolicionista Francisco de Paula de Oliveira Lima. Apesar de não possuir grande cultura, tinha fáceis dons oratórios e sabia impor-se a consideração geral pelos seus dotes morais e presença de espírito. Não se fatigava no trabalho que lhe confiavam, inclusive o de dirigir uma Associação como a da Cearenses Libertadoras.

O grande historiador cearense não poupa, assim, elogios à grande lutadora pela Abolição no Ceará.

Sua companheira de trabalho, Elvira Pinho, não é menos parcimoniosa nos elogios a esta espetacular sobralense: Era mulher extraordinária, intrépida e incansável a presidente das Senhoras Libertadoras. O seu papel no movimento abolicionista só se pode descrever satisfato-

riamente em volume especial. Mulher dinâmica e ilustrada, Maria Tomásia foi a alma da campanha feminina deste feito que enobreceu o Ceará.

Em 1882 a Campanha Pró-Abolição se avolumava cada vez mais. A Imprensa conclamava a todos para uma campanha a fim de abolir a escravidão no Ceará. O Jornal **O Libertador**, do dia 18 de Dezembro, convidava sobretudo as mulheres para uma reunião à noite na casa de José do Amaral, no Benfica com a finalidade de se organizar "uma sociedade abolicionista das distintas filhas do Ceará, das dignas irmãs de Iracema.

O autor acima citado diz que a reunião efetivou-se e surgiu o novo exército, o "da grandeza da mulher com todas as suas fascinações. José do Patrocínio, o Apóstolo Negro, estava também presente. Nesta ocasião ele exclamou: "É preciso fazer da fraqueza da mulher, o mais forte de todos os poderes, a evangelização pelo encanto, a libertação pela magia de sua graça."

Maria Tomásia foi aclamada como Diretora Geral tendo como primeira e segunda vice-diretoras as senhoras Carolina Cordeiro e Ludovina Borges.

Foi, realmente empolgante a instalação da Diretoria da Sociedade das Cearenses Libertadoras onde Maria Tomásia era a personagem de destaque.

Nesta Sessão de gala falou o Dr. Almino para "depositar nas mãos de Maria Tomásia, doze cartas de alforria concedidas pelas Exmas. Sras. Francisca Monteiro Lima, Maria Emília Torres, Florinda Amaral, Francisco Rangel Bezerra, Rosa e Adelaide Figueiredo, Joaquina Moreira Taborda e pelos Srs. Desembargadores João de Carvalho Fernandes Vieira, João Amaro Roque, Dr. Antônio Teodorico Filho, Major José Bernardo Teixeira e Dr. Teófilo Rufino Bezerra de Menezes".

Maria Tomásia pronunciou, então, um breve e lindo discurso seguindo-se a ela Jacinta Souto e Maria Augusta Ferreira de Sousa. A grande libertadora sobralense era incansável. Estava sempre viajando pelo interior em campanhas memoráveis pela libertação dos escravos. O Jornal "O Libertador" confirma sua presença em Pacatuba com os seguintes termos: "Acomodadas as Senhoras e demais cavalheiros em lugares previamente designados, deu-se começo à sessão, sendo concedida a palavra a diversos oradores e representantes das várias associações na ordem que se segue: D. Maria Tomásia, por parte da

Sociedade das *Cearenses* Libertadoras, Conselheiro José Liberato, General Tibúrcio... etc.

As proclamações pela Imprensa se sucediam e as Cearenses Libertadoras chefiadas por Maria Tomásia no dia 11 de Janeiro de 1883 fazem a sua.

A grande heroína dos escravos, certo dia ao discursar afirmou: Se esta heróica cidade (*Fortaleza*) for o quartel-general do pensamento emancipador, a seus generosos habitantes corre, neste momento, o glorioso dever de reduzir a estilhaços os ferros dos poucos cativos que ainda protestam contra a lei que, há 3 séculos os têm seqüestrado das comunhões civis e portuguesas.

A oração de Maria Tomásia, afirma Raimundo Girão, pelo calor com que foi pronunciada, valeu por uma convulsão.

Sobral era o mais numeroso foro de escravos de toda a Província. Nas 566 Fazendas existentes em suas circunvizinhanças havia 1.413 escravos no ano de 1788 conforme o Livro de Registro da Câmara de nossa terra.. Em 1883 devia haver muito mais, portanto. A libertação dos escravos na Princesa do Norte deu-se no dia 2 de Janeiro de 1884. Infelizmente Maria Tomásia não esteve presente a esta festa quando todos os Senhores sobralenses rompiam os ferros dos escravos, aliviando, assim, os últimos pulsos algemados.

A hora, porém, mais empolgante para Maria Tomásia foi durante a Sessão Solene do Decreto da Redenção da Província. Esta histórica reunião começou às 12 horas no pavilhão armado na Praça Castro Carrera.

"Primeiro dão entrada, na majestade das suas púrpuras, o Arcebispo D. Luís Antônio dos Santos e o Bispo D. Joaquim. Homenageadíssima, aparece Maria Tomásia, a "incansável protetora dos cativos." O Presidente Sabino de Oliveira Dias pronuncia, no fim do seu discurso: A Província do Ceará não possui mais escravos. Nesta mesma sessão fala Maria Tomásia, em frases singelas e angélica pelas Cearenses Libertadoras.

Assim foi a heróica sobralense Maria Tomásia.

MARIA TOMÁSIA E BÁRBARA DE ALENCAR

Dois ideais, dois amores, dois objetivos, duas personagens que lutaram pelo engrandecimento do Ceará. Duas

mulheres que souberam ser mães, esposas dedicadas, filhas extremosas e intrépidas patriotas.

Bárbara e Maria Tomásia — duas conjugações de esforços que despertaram o Ceará para as suas grandes potencialidades levando-o para a vanguarda de extraordinários movimentos políticos.

Dois exemplos de dedicação, de heroísmo, de combatividade. Maria Tomásia em Sobral (Região Centro Norte) e Bárbara de Alencar no Crato (Região Sul Cariri). O Norte e o Sul impulsionando a Província do Ceará Grande a se tornar pioneira, a projetar-se no cenário nacional.

Maria Tomásia tornou-se o símbolo da abolição dos escravos e Bárbara de Alencar uma das expressões mais significativas da Independência do Brasil no Ceará. Constituíram, realmente, dois amores, dois ideais, duas forças. Nenhum historiador, nenhum pesquisador coerente poderá separar estas mulheres da história do Ceará.

A grande abolicionista sobralense, quase no fim de sua gloriosa campanha em favor dos escravos discursando em Fortaleza exclamou: — Se esta heróica cidade foi o quartel General do pensamento emancipador, a seus generosos habitantes corre, neste momento o glorioso dever de reduzir a estilhaços os ferros dos poucos cativos que ainda protestam contra a lei que, há três séculos os tem seqüestrado das comunhões civis e políticas.

Maria Tomásia nasceu em Sobral a 3 de Março de 1826. O Registro de seu batizado está no Livro de Batizados do ano de 1825 a 1829 da Paróquia da Sé de Sobral nos seguintes termos: Maria, filha legítima de José de Xerez Furna Uchoa e Ana Francisca Figueira de Melo. Nasceu a 6 de Dezembro de 1826 e aos treze de Janeiro de 1827 foi batizada solenemente com os Santos Óleos no Rosário. Foram Padrinhos Quintiliano Pinto de Mesquita e Maria da Purificação e Vasconcelos moradora nesta Vila e aquele morador no Macaco, Freguesia de Santa Quitéria de que para constar mandei fazer este assento, em que assinei. O Vigário João Crisóstomo de Oliveira.

Esta inolvidável batalhadora pela causa abolicionista casou-se duas vezes. A primeira com quinze anos apenas conforme refere o Livro de Casamento de Sobral n.º 6, folha 149-verso, 1787-1841.

"Aos 21 de Dezembro de 1841 na minha presença e das testemunhas Francisco de Paula Pessoa e Antônio Furtado de Mendonça se receberam em Matrimônio Rufino Furtado de Mendonça, viuvo que ficou por falecimento de sua mulher Maria Quitéria com Maria Tomásia do Livramento na presença do Reverendo Antônio da Silva Fialho — todos moradores nesta Freguesia."

Com dezoito anos de casada morre seu marido. Até então a causa abolicionista não tinha tomado conta da sua inteligência. Depois que, em segundas núpcias, casou-se com Francisco de Paula Lima — abolicionista ferrenho sentiu-se como que vocacionada para esta grande missão.

Em Fortaleza, para onde transferiu o domicílio da família, encontrou um vasto campo para desenvolver suas potencialidades, tornando-se a paladina, a campeã da Abolição dos escravos no Ceará. Elvira Pinto companheira inseparável de Maria Tomásia em suas memoráveis Campanhas chegou a dizer: "O seu papel no movimento abolicionista só se pode escrever satisfatoriamente em volume especial". Em 1883 o Município de Fortaleza liberta solenemente seus escravos. Em sessão magna realizada no salão nobre da Assembléia Provincial falou Maria Tomásia e um comentarista exclamou: "A oração de Maria Tomásia, pelo calor com que foi pronunciada valeu por uma convulsão".

Bárbara de Alencar, no Sul, não foi menos valente do que Maria Tomásia. O seu grito de luta ecoava em todo o Cariri, nos sertões e na Chapada do Araripe. Nasceu aos 11 dias do mês de Fevereiro de 1760 em Cabrobó, Pernambuco. Foram seus pais Joaquim Pereira de Alencar e Teodora Rodrigues da Conceição. Descendia do Patriarca Leonel de Alencar Rego, homem forte, dinâmico que deu origem a toda família "Alencar" do Ceará. Herdou de seus antepassados o destemor, a bravura, a honestidade, a fidelidade. Casou-se em 1782 com José Gonçalves dos Santos, aos 22 anos. Depois de casada foi morar no "Curato de S. Fidelis" — hoje cidade do Crato. Em cada canto de sua fazenda levantou um altar. Sendo muito religiosa não aceitava a perseguição movida aos padres jesuítas por parte do Marquês de Pombal. Foi desta visão de perseguição aos Padres que nasceu seu grande ideal pela Independência do Brasil. O ardor pela liberdade dominava-a, fascinava-a. Criou seus filhos Carlos José dos Santos de Alencar (Padre), Tristão Gonçalves de Alencar, João Gonçalves de Alencar e José Martiniano de Alencar (Padre) no amor à liberdade, no desejo de libertar o Brasil do jugo português.

HISTÓRIA DO PLANALTO DA IBIAPABA

2ª Parte

CAPITULO PRIMEIRO

A GEOLOGIA DA IBIAPABA

A Revista Brasileira de Geociências — órgão da Sociedade Brasileira de Geologia, publicada sob os auspícios do Conselho Nacional de Pesquisas, volume 2; número 2 junho de 1972 traz o resultado de grandes pesquisas geológicas feitas em todo o percurso da rodovia Sobral-Terezina, incluindo todos os terrenos do sopé e do planalto da Ibiapaba.

Cientistas como Small, Willians, Plummer, Caster, Kegel (ingleses, franceses e alemães) e os brasileiros Oliveira e Leonardos observaram toda a região, definindo sua era geográfica, explicando toda a composição do terreno. Estas pesquisas foram condensadas no artigo "Geologia da Porção do Sul do Grupo Jaibaras-Ceará".

Segundo as pesquisas, a área situa-se no noroeste do Estado do Ceará, abrangendo as cidades de Ubauna, Frecheirinha, Mucambo, Pacujá, Ubajara, Ibiapina e São Benedito, totalizando 1470 Km^2.

Small, depois de examinar "in loco" os arenitos e os conglomerados da Serra Grande além dos folhelhos, dos calcários, denominou-os de Série da Serra Grande (Ibiapaba). Já o Cientista Willians estudando algumas amostras de calcários da região, correlacionou-os com os da "Formação Bambu".

Mais recentemente depois de estudarem pormenorizadamente as formações rochosas de Sobral a Ibiapaba,

Oliveira e Leonardos descrevem as ocorrências de derrames ácidos e básicos que se sobrepõem ao granito de Meruoca e que estão sotopostos a conglomerados que passam para arenitos, seguidos de folhelhos, calcários e novamente folhelhos. Estas rochas foram agrupadas sob a denominação de Série Jaibaras de idade presumível SILURIANO.

Os cientistas Caster, Krausel e Dolianiti, já na década de 60, estudando fósseis da Formação Pimenteiras (Ibiapaba) que imediatamente sobrepõem à Formação Serra Grande concluíram que as formações rochosas da Ibiapaba como as da Meruoca e Jaibaras são da Idade Devoniana inferior.

Ora, para quem estudou Geologia e conseqüentemente as Eras *Geológicas*, sabe que o Período Siluriano começou há 440 milhões de anos — tempo em que se formaram os *terrenos* da Série Jaibaras e que o Devoniano iniciou há 400 milhões de anos, *justamente* quando se *completou* a formação dos terrenos da Ibiapaba, tais como existem agora. Este *período* durou 50 milhões de anos, período de atividade vulcânica.

Os *calcários*, os ambientes depocisionais, da gruta do Ubajara são da era Devoniana — *400 milhões* de anos. Esta gruta, portanto, nada tem a ver com índios — uma vez que o HOMO SAPIENS só apareceu no período Pleistoceno, há um milhão de anos.

É *totalmente* inadmissível a hipótese de que a gruta de Ubajara tenha sido feita *por mãos* humanas, ou por índios que trabalharam em minas de Prata do Araticum.

O sábio Vandoros utilizando o método K/A encontrou a idade de 430 milhões de anos para o *granito* da Meruoca e para a brecha vulcânica que ocorre na estrada Sobral-Cariré.

Bigarella e Salamuni em 1967, já em nossos dias, evidenciaram por meio de estudo das estratificações cruzadas da Formação Serra Grande que o *sentido* das PALEOCORRENTES eram para N55ºW.

Afirmar ser a gruta do Ubajara *feita* por índios é desconhecer, é contradizer toda a Geologia. É uma afirmação carente de toda *prova*, de qualquer evidência.

O estudo geológico da região acima descrita *foi* tão importante que as Revistas de Ciência de toda Europa publicaram. Eis o testemunho de uma da *Inglaterra*.

ABSTRACT. This paper deals with the results of a geologic mapping carried out in scale 1:200.000, for an area of 1.470 km2, locatet in the northwestern part of Ceará State.

The main *stratigraphic*, strutural and lithologic features of the following units are discussed: a) mignatite and quartzite of indefferentiatet *Precambrian* age; b) metasediments of the late Precambrian Bambi Group (slates, quartzites and limestones); c) the *Ordovician* Jaibaras Group made up by a molassic sequence (feldspatic sandstone), by a horubells aureole due to the thermal effects of the Mucambo *granit* intrusion, by andesite and by polymitic conglomerats of "piedmont" type.

The tectonics and geological *evolution* of the area are also briefly discussed.

Ao lado oeste (do planalto Ibiapabano) estudando-se na *direção* meridiana, ocorre uma escarpa mantida por um pacote homoclinal de arenitos DEVONIANOS da Formação Serra Grande, base da Bacia do Parnaíba. O seu fronte voltado para leste, sublinha em sua base, suspensa a altitudes médias de 600 *metros* uma superfície de APLAINAMENTO de provável idade SILURIANA.

É justamente nesta superfície de aplainamento quando o mar começou a se afastar do local — (pois os fósseis marinhos encontrados nas rochas sedimentadas do Planalto Ibiapabano provam a *presença* do mar na região) que se formou a gruta do Ubajara.

Numa observação do Cientista Kegel diz que "na região sudeste da *área* a escarpa da Serra Grande se inflete para o Nordeste, perdendo gradativamente sua expressão altimétrica face aos deslocamentos produzidos pelas falhas do lineamento Sobral-Pedro II. Os deslocamentos há 400 milhões de anos produziram todos os meandros desta gruta hoje visitada por uma grande parte dos brasileiros. Afirmar ser a gruta do Ubajara feita pela mão do homem é contradizer a geologia, é desconhecer a evolução do nosso planeta.

CAPITULO SEGUNDO

A COLONIZAÇÃO DA IBIAPABA

É temerário afirmar-se que a *colonização* cearense *começou* pela Ibiapaba e constitui um erro histórico falar-se em 'IBIAPABA FRANCESA'. Em primeiro lugar a Ibiapaba constitui todo o planalto onde estão localizadas as cidades de Viçosa, Tianguá, Ibiapina, Ubajara, São Benedito, Guaraciaba do Norte, etc.. Em *segundo* lugar apenas um *francês*, Monbille, esteve onde hoje é Viçosa e entrou em comunicação com o *Cacique Mel* Redondo com a *finalidade* comercial. Monbille não se internou na Ibiapaba nem fundou *qualquer núcleo* habitacional, religioso ou educacional. Manteve, é verdade, relações *amistosas* com o Mel-Redondo a fim de obter lucros comerciais. Por outro lado a história não se refere a *nenhum* outro francês que tenha substituído o corsário gaulês.

Assim pensam os historiadores João Ribeiro, Vicente Tapajós, Jónatas Serrano, Olavo Leonel Ferreira, Tristão de Alencar Araripe e *muitos* outros.

COMO SE DEU A COLONIZAÇÃO DA IBIAPABA — Em 1534, D. João *III* dividiu o Brasil em 12 Capitanias. Ao historiador João de Barros, Aires da *Cunha* e Fernão Álvares coube o território do Maranhão, "que lhes foi concedido promiscuamente, ficando a *Capitania* com a extensão de 225 léguas.

Era tão extensa que *o atual* território cearense distribuía-se pelas três capitanias. Segundo a maioria dos historiadores, Antonio Cardoso de Barros em 1549 devolveu à Coroa a Capitania do Ceará, sendo logo em seguida nomeado Provedor-Mor da Fazenda da Bahia para onde veio o 1.º Governador Geral, Tomé de Sousa.

Logo de Início os 3 amigos encarregados da Capitania do Maranhão *tentaram colonizá-la* (1535) *com* 10 embarcações onde viajavam 950 homens. A expedição malogrou.

Sendo, assim, infeliz na empresa, fez o mesmo que Antonio Cardoso de Barros. Reverteu à Coroa a Capitania do Maranhão. Esta foi entregue a novo Donatário.

— Luis de Melo da Silva que tentou em 1554 povoar seu território. *Foi igualmente infeliz e naufragou nos* baixios dos Atins ou Coroa-Grande, podendo apenas salvar-se uma caravela, em *que os navegantes voltaram para* Portugal.

.Depois destes reiterados insucessos o Maranhão ficou abandonado. Foi justamente nesta época que os franceses resolveram fazer a França Equinocial através de Tiago Rifaut que, "pirateando nas costas do Brasil, abriu comunicação com os indígenas: foi à França e voltou em 1594 *com* navios providos de muita gente e munições, vindo parar na Ilha do Maranhão, aonde depois estabeleceu-se- a colônia *francesa* dirigida *por* Auto de La Ravardière.

Diz Tristão de Araripe que a ocupação do Maranhão pelos franceses, não tardou em ser conhecido em Pernambuco e Bahia, donde a notícia passou a Lisboa e Madri. Imediatamente começaram os preparativos para a expulsão *dos corsários* gauleses. A arrancada partiu do Ceará, ainda inteiramente devoluto. O homem indicado para comandar a expedição *foi* Pero Coelho de Sousa, açoriano, colono da Paraíba, que "na louca empresa de encontrar o El-dourado havia gasto grande parte da sua fortuna" e alimentava a esperança de descobrir grandes riquezas que supunha existir no interior do Ceará.

E *aqui é necessário* uma reflexão acurada, pois os franceses estabeleceram-se no Maranhão em 1594 e Pero Coelho de Sousa *dirigiu-se para* esta Capitania em 1603. Fazia apenas 9 anos que estes corsários estavam localizados na Ilha do Maranhão. Monbille só chegou onde hoje é Viçosa depois. É impossível portanto, em tão pouco espaço de tempo realizar-se uma colonização, *sobretudo porque* ele *era* corsário e não lhe interessava colonização e sim comércio.

Pero Coelho de Sousa com 80 portugueses e 800 indígenas em 1603 encontra-se com os Tabajaras da Ibiapaba, ou mais precisamente com os TAPUIOS que habitavam a atual área da Viçosa, dirigidos por Adolfo Monbille que captara a amizade do cacique Mel-redondo e os vence, submetendo também o outro Chefe Grão-Diabo Juripariguaçu. Os 10 franceses que lutaram ao lado dos índios foram presos e enviados a Diogo Botelho, em Pernambuco. Estes franceses não iniciaram qualquer movimento de colonização.

E aqui termina a tão decantada ocupação francesa da Ibiapaba que, na realidade não existiu. Não chegou a ir ao Maranhão expulsar os franceses da Ilha o nosso heróico Pero Coelho. Preferiu voltar ao seu Forte.

A Missão de expulsar os invasores coube a Jerônimo de Albuquerque que, em 1613, já com o intuito de afastá-los do vizinho estado construíra o forte "Camocim".

Entre a derrota de Monbille (1603) e a definitiva rendição dos franceses no Maranhão o governo Português determinou estabelecer a catequese dos indígenas do Maranhão e em 1605 partiram alguns missionários. Foram incubidos desta missão os Padres Francisco Pinto e Luis Figueira. Seguiram o mesmo caminho de Pero Coelho. Desembarcaram no Camocim e se dirigiram primeiramente à Ibiapaba. Estes dois missionários conseguiram unir todas as tribos, realizando a paz geral. Passaram na Viçosa (conhecida mais vulgarmente por Ibiapaba) apenas 5 meses não havendo, portanto, tempo para uma catequização ou mesmo para uma missão. É, por conseguinte errôneo dizer-se que o Ceará foi colonizado pela Ibiapaba ou mais simplesmentes por Viçosa.

Os Padres Francisco Pinto e Luis Figueira no dia 11 de Janeiro de 1608 partiram "da Ibiapaba" com apenas 10 indígenas. Segundo Tristão de Araripe, após dois dias de caminhada, foram assaltados pelos índios Tacarijús e o Padre Francisco Pinto juntamente com 2 índios de sua companhia são mortos enquanto o outro sacerdote escapou escondendo-se em espesso mato.

Um povo conhece e ama sua história, que sabe guardar suas tradições torna-se um povo forte, dinâmico, empreendedor.

CAPÍTULO TERCEIRO

A DISPUTA PELA POSSE DA IBIAPABA

O Planalto da Ibiapaba fascinava a todos quantos punham seus pés em suas saudáveis terras. Muito perto do mar, através de Granja, tornou-se durante todo o século XVII e início do século XVIII uma presa cobiçada para os numerosos aventureiros que viam no Brasil-Colônia um lugar de assalto fácil. Camocim não era a este tempo um posto avançado português. O mar chegava até Granja onde foram edificadas as oficinas de charquear. O tráfego, portanto, entre a praia e a Serra era freqüente depois que foi feita a "estrada do bode" entre Granja e Viçosa.

O Padre Serafim Leite em seu Livro História da Companhia de Jesus no Brasil tomo III — Livro I — Capítulo II — página 18 mostra muito bem o início da grande disputa pela posse da Ibiapaba. Vejam bem os leitores como este autor descreve o que se passava no Planalto da Ibiapaba:

Desta maneira dentro em poucos dias, foram uns e outros semelhantes na crença e nos costumes, e no tempo em que Ibiapaba deixava de ser República de Baco (que era poucas horas, por serem as borracheiras contínuas de noite e de dia), eram verdadeiramente aquelas aldeias uma composição infernal ou mistura abominável de todas as seitas e de todos os vícios, formada de rebeldes traidores, ladrões, homicidas, adúlteros, judeus, herejes,

gentios, ateus, e tudo debaixo do nome de Cristãos, e das obrigações de católicos.

O primeiro homem branco que arremessou-se sobre a Ibiapaba foi Pero Coelho de Sousa. O grande bandeirante a 18 de janeiro de 1604 alcançou as praias do Camocim, "avistando dali a serrania da Ibiapaba, bela, altaneira, cortando o horizonte azul."

Ao atingir o sopé da grande serra, diz Figueira Sampaio, a bandeira foi recebida a tiros. Eram corsários franceses que ali se encontravam em negociações com os índios, dos quais haviam conquistado a amizade em troca de bebidas e presentes.

Em 1612 os franceses se apossam do Maranhão e, logo após, iniciam a tentativa de dominarem a Ibiapaba. Passaram três anos dominando todo o Maranhão, inclusive a Ibiapaba, chefiados por Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardière. Os franceses foram expulsos do Nordeste a 3 de Novembro de 1615 quando Ravardière assinou a capitulação.

A luta pela posse da Ibiapaba não termina com os franceses. Os holandeses a 26 de Outubro de 1637 ocupam o Ceará. Permaneceram aqui até 1644 quando foram expulsos. Em 1649, porém, voltam e retomam a Província, chefiados por Matias Beck. Os holandeses dominaram, a esta época o Maranhão, conforme afirma o Padre Serafim Leite e conseqüentemente a Ibiapaba.

Imediatamente à derrota dos Holandeses no Recife houve outra invasão no planalto da Ibiapaba. Ao mesmo tempo, comenta o autor acima citado, dava-se outra invasão, esta interna. Os índios, em particular os Potiguares e Tabajaras em face da derrota, refluíram para o Ceará, vindos das Capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande. Não poupavam os holandeses, seus antigos aliados, e também temiam as represálias dos Portugueses apesar das capitulações lhes garantirem perdão. Beck nota a disposição em que se encontravam os índios de Pernambuco de se estabelecer no Ceará e resistiu a uns e outros. Mas embora causassem distúrbios, frustraram-se tais intentos, devido à ação conjugada dos jesuítas e da Autoridade Civil.

A penúltima tentativa de domínio e posse da Ibiapaba foi feita pelos jesuítas. Estes padres chegaram a fazer 55 Aldeias indígenas, "povoando-as todas de índios a quem com indústria, paciência e trabalhos incompreensí-

veis, persuadiram que descessem dos montes, e, deixando costumes brutais, em que foram criados se unissem em povoações e fizessem nelas vida cristã e civil. Esta República fundaram e estabeleceram os Jesuítas, sós, e sem ajuda ou favor dos outros.

O historiador José Caeiro faz uma grave acusação aos Jesuítas no sentido de eles quererem se apoderar da Ibiapaba. Primeiramente, diz ele, faria injúria muito grave à Vice-Província do Maranhão se negasse que os filhos dela, naqueles vastíssimos e incultos sertões, tinham uma pobre sim, mas bem povoada República. Os primeiros, que meteram mão a tão grande e trabalhosa empresa foram os dois Jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira que em 1607 chegaram à Ibiapaba e naqueles montes fundaram a primeira aldeia que houve no Maranhão.

No ano de 1710 os jesuítas eram senhores de todo o planalto e de muitas fazendas no sertão que se estendiam do sopé da Ibiapaba até Martinópole. Eram incontáveis as cabeças de gado. O livro de Registro da Paróquia de Viçosa do ano de 1767 traz um "traslado" dos bens dos jesuítas. Cita que um fazendeiro Francisco da Cunha, homem branco, natural da Bahia, doara 450 cabeças de gado à Igreja e que o Padre Ascenço Gago as transportou para a intrigante fazenda Tiaia. Segundo alguns autores a Missão da Ibiapaba era a maior do Brasil. Tinham o poder espiritual e temporal de todo o planalto. A atitude dos jesuítas motivou muitas acusações contra eles, inclusive a do Cura da Ribeira do Acaraú, Padre João de Matos Monteiro.

Enfim a Ibiapaba passou para a posse e domínio total dos portugueses quando o Marquês de Pombal determinou a expulsão dos Padres Jesuítas do Planalto da Ibiapaba e de todo o Brasil. E a luta, a disputa pela posse da Ibiapaba continua. Veja no próximo número deste jornal.

Um povo que estuda, conhece e ama sua história, torna-se dinâmico.

CAPÍTULO QUARTO

A IBIAPABA NAS MÃOS DOS JESUÍTAS

Durante dois séculos a única via de penetração na misteriosa e fabulosa Ibiapaba era a que partia de Granja em demanda à Vila Real de Viçosa. Atualmente podemos penetrar na Serra Grande através de vários caminhos. A BR-222, porém, nos oferece uma das melhores opções colocando-nos em contato com o Planalto Ibiapabano por meio de Tianguá.

Muitos colonizadores, aventureiros e piratas procuraram apossar-se da Ibiapaba. Todos fracassaram. Foram os jesuítas, porém, que conseguiram mantê-la em seu domínio por mais de um século. Governaram a Ibiapaba com mão de ferro não permitindo qualquer intruso no seu imenso território. Extensas fazendas de gado, bem equipadas, com moradores de inteira confiança aliados a Índios cristianizados e a escravos devotados funcionavam como sentinelas avançadas, como defesas naturais contra qualquer invasão. É bem verdade que este pedaço do Ceará progrediu nas mãos dos Padres Jesuítas. Tinham postos avançados desde o Sertão, às margens do Coreaú até o Piauí.

Com a expulsão dos Jesuítas do Brasil, incluindo é claro, os do Ceará, o Planalto entrou numa fase de estagnação. Ficou vivendo do seu clima e do seu glorioso passado. Na década de setenta Cesar Cals, então Governador do Estado, com olhos "jesuíticos" redescobre a Ibiapaba. Faz da Gruta de Ubajara um maravilhoso ponto turístico. O "bondinho" de Ubajara despertou a curiosidade de muitos cearenses.

A Serra Grande foi enriquecida com o plantio de café e com o Pólo Nordeste. Mas de quem é hoje a Serra da Ibiapaba? Tudo indica que ficou mesmo para os Ibiapabanos. Seu passado histórico precisa ser revivido, pois um povo que corta o elo que o ligava a seus antepassados torna-se anêmico.

Quando o Padre José Bevilaqua tomou posse da Freguesia de Viçosa em 1848 teve o cuidado de trasladar para o Livro de Registro da Paróquia do ano de 1767 que permanecia com muitas folhas em branco, muitos documentos relativos à Paróquia, ao Planalto e ao povo em geral. Um destes documentos nos dá uma imagem do que era a Ibiapaba nas mãos dos Padres Jesuítas. Eis como se inicia este referido documento:

"Registro do Mapa que o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo mandou passar das quatro Fazendas de Gado Vacum e Cavalar e miúdos que administravam os denominados jesuítas (vejam os leitores a expressão "os denominados jesuítas") a título de Missionários da antiga Aldeia da Ibiapaba hoje Vila Viçosa Real com declaração do que pertence a Nossa Senhora, gado que se reparte com as pessoas que se expressam e as três que ficam destinadas para a subsistência do Hospital que se intenta formar na sobredita Vila em benefício de seus habitantes — Fazenda Imbueira com mil e duzentas e quarenta vacas de ventre e trezentos e vinte e um bois e gado miúdo da mesma qualidade e quinze éguas e poltras e dezesseis cavalos e trinta e três chibatas — Fazenda da Missão. Mil quatrocentos e trinta e cinco vacas de ventre, quatrocentos e sessenta e cinco bois e gado miúdo da mesma qualidade, cento e trinta e quatro éguas e poltras, quarenta e três cavalos, cincoenta cabras, trinta e sete chibatas. Fazenda da Tiaia — Setecentas e vinte vacas de ventre, duzentos e noventa bois e gado miúdo da mesma qualidade, duzentas e dezoito éguas poltras, quarenta e quatro cavalos, cabras nada, chibatas nada. Fazenda de Pitinga — Duzentas e trinta e oito vacas de ventre, bois e gado miúdo nada, éguas e poltras nada, cavalos nada, cabras e chibatas nada.

Total de cada qualidade: Três mil e seiscentas e trinta e três vacas de ventre, bois e de gado miúdo da mes-

ma qualidade mil e setecentas e seis, de éguas e poltras trezentas e sessenta e sete, cavalos — centro e três, cabras — cento e vinte e três, chibatas — setenta e sete.

Total do gado vacum: — quatro mil setecentos e nove; total do gado cavalar — quatrocentos e setenta; total do miúdo — duzentos. Gado que se achou pertencer a Nossa Senhora e repartição que se fez do mais da dita Vila, para Nossa Senhora a Fazenda do Morro da Tiaia com seiscentas vacas, setenta éguas e treze cavalos".

Segundo o documento todo este rebanho foi repartido, depois da expulsão dos jesuítas, por ordem do Dezembargador Ouvidor Geral de Pernambuco Bernardo Coelho da Gama Casco com a Paróquia, com o Pároco e seus coadjutores e várias outras pessoas.

Os visitadores eclesiásticos que passaram por Viçosa no ano de 1761, procuraram por todos os meios possíveis, reaver os bens deixados ou acumulados pelos Padres Jesuítas para a subsistência das suas cincoenta e cinco aldeias sob sua jurisdição.

Diante deste quadro não é de admirar que até o próprio Marquês de Pombal estivesse interessado na Ibiapaba quando decretou a expulsão dos Jesuítas do Brasil.

A Ibiapaba nas mãos dos Jesuítas, que tinham no Maranhão sua célula Mater, era uma espécie de Estado dentro do Brasil-Colônia.

Um povo que estuda, conhece e ama sua história irradia uma força capaz de torná-lo invencível.

CAPITULO QUINTO

A VILA VIÇOSA REAL E SUA IGREJA MATRIZ

O Padre José Bevilaqua ao tomar posse da Paróquia de Viçosa teve o cuidado de transcrever para o Livro de Registro do ano de 1767 que ficara incompleto, documentos importantíssimos do início do século XVIII que mostram como se iniciou a vida política, social, religiosa e econômica naquela região.

Sobre a elevação a Paróquia e a Vila da Antiga Missão da Ibiapaba transcreveu aquele Sacerdote para o Livro de Registro Paroquial o seguinte Artigo da Folha "Pedro II" de 7 de Janeiro de 1858, N.º 1762 que comenta estes acontecimentos da seguinte maneira:

Vila Viçosa Real — antiga Missão da Ibiapaba na Serra Grande administrada pelos extintos jesuítas foi elevada a Vicararia amovível no ano de 1759 e sua povoação foi transformada em Vila com o nome de Vila Viçosa Real em 7 de Julho do mesmo ano em virtude de ordens d'El Rei D. José I. É habitada de portugueses e índios da língua travada, povo Camusin, Anacé, Arariu, os quais foram conquistados pelos índios da língua geral; os próprios habitantes são os da língua geral. Esta Serra é denominada Ibiapaba — vulgarmente Ibiapaba que quer dizer que neste lugar finda a Serra Grande — e assim porque esta aldeia, hoje Vila está situada no fim da Serra lado norte. Também é denominada Tavainha, vulgarmente Tabainha que significa lugar de altos e baixos porque a Vila está em uma planície cercada de montes. Pelo referido é ma-

nifesta que os nomes de Ibiapaba e Tabainha competem àquela parte da *Serra em* que estava antigamente a Aldeia e hoje está a Vila Viçosa. Confina esta Freguesia pelo lado Norte... pelo Sul com a Freguesia da Serra dos Cocos em 17 lugares pelo nascente, com a da Granja em três léguas e pelo nascente com o Piracuru em oito léguas e tem de longitude vinte léguas e *dez de latitude.*

A Matriz está fundada na Vila, e dela é orago Nossa Senhora da Assunção e *além* desta Igreja há uma Capela filial dedicada ao Apóstolo S. Pedro a qual está fundada *na Serra no* lugar denominado Bapinima distante da Vila doze léguas onde há uma grande povoação. O pároco tem o título de vigário e é juntamente vigário da vara; percebe da Fazenda Real oitenta mil réis de côngrua, vinte mil réis de ordenado e lhe foram aplicadas algumas cabeças de gado das quais *percebeu somente* as *produções* sendo obrigado ao sucessor o capital. Nesta Freguesia há dois coadjutores *cada um* com vinte e cinco mil réis de côngrua e para cada um também foram aplicadas algumas *cabeças de* gado para os seus passar do modo que ao Pároco.

A Matriz tem oito mil réis para a fábrica, dada pela Real Fazenda, e a Fazenda Tiaia está na Freguesia da Granja cujo rendimento se divide em duas partes: uma para a Fábrica e outra para o Pároco e seus *Coadjutores.*

Fogos segundo o Rol de 1791	1813
Pessoas de Comunhão	4140
Ditas que não comungam	58
Ditas que foram crismadas	1732

Livro de Registro da Freguesia da Vila Viçosa Real de 1767, página 65.

É ainda neste precioso livro que se encontra a "relação da Preta, ouro *pertencente* à Igreja Matriz desta Vicararia como abaixo se declara.

PRATA — *Uma Cruz* grande de Prata com Crucifixo de Prata dourada do Altar-Mor. Seis Cartiçais do mesmo Altar.

Uma Cruz com Crucifixo de Prata dourada e dois Cartiçais *do Altar* de São Miguel. Uma Cruz e Crucifixo de Prata dourada e dois cartiçais dos pés redondos do Altar *da Senhora* Santana. Uma Lâmpada Grande do Santíssimo Sacramento.

Um Cajado com flores de Prata pertencente a São José. Uma Cruz com lança embaixo pertencente a São Miguel.

Uma Cruz de chapa *batida* pertencente a Santo Antônio, *um* cajado de fio de prata pertencente a S. Gonçalo, uma caixa com três frascos *para* Santos Óleos tudo *de prata.*

Dois Resplandores grandes de Santo *Antônio* e São Miguel, um Resplandor *grande* de São José, oito Resplandores de diferentes tamanhos, dois Resplandores da Imagem de Nossa Senhora, seis Coroas entre grandes e pequenas pertencentes a várias Santas.

OBJETOS EM OURO — Um par de botões de ouro redondo *filigrã*, um Rosário pequeno com Cruz com cinco P. N. e dezenove Ave-Marias, um anel pequeno com um *Coração pertencente* a Nossa Senhora, outro dito com pedras grandes no meio e pequenas em circunsferência, um par de cadeados ou *brincos* de pedras encastuadas em Prata, uma Estrela de Pedras, um resplendor com um bordado por baixo.

OBJETOS EM METAL DOURADO — Um Calix grande, Patena, Colherzinha *dourados;* uma Ambula com sua cobertura de Damasco, Uma Custódia e duas Galhetas do mesmo metal. — Vila Viçosa, 8 de Outubro de 1857. Recebi os objetos acima. Marcelino Pereira das Virgens. José Bevilaqua.

Em outra página do Livro há outra relação dos objetos pertencentes à Igreja Matriz. Entre os *inúmeros* objetos *mencionados um* Turíbulo de Prata, uma Naveta de Prata, uma Caldeira de Prata. A imensa lista de Alfaias e objetos em *prata* e *ouro* termina com a seguinte nota: — Aos dezesete dias do mês de Outubro de 1859 nesta Matriz de Nossa Senhora da Assunção de Vila Viçosa, eu João Gonçalves Rosa recebi das mãos do Reverendo Vigário desta Freguesia José *Bevilaqua* os objetos constantes do inventário supra aos quais me responsabilizo zelar e conservar em bom estado, e *entregar* em todo tempo que me for procurado, dando por fiador o Capitão Plácido Bernardes Filho que, comigo *e o* Reverendo Vigário assinam com as testemunhas abaixo, com o que se lavrou a presente declaração. João Gonçalves Rosa, José *Bevilaqua*, Plácido Soutaneiles Filho e José Pereira.

Assim Viçosa vivia no Planalto da Ibiapaba, rica e próspera mas cobiçada por todos que tinham conhecimento de sua riqueza. Um povo que não sabe *conservar* seu *patrimônio* histórico-cultural-econômico regride infalivelmente.

CAPITULO SEXTO

COMO OS JESUITAS PERDERAM A IBIAPABA

No fim do século XVII e início do XVIII Viçosa e o resto da Ibiapaba eram aldeias formando "uma composição infernal ou mistura abominável de todas as seitas e de todos os vícios, composta de rebeldes traidores, ladrões, homicidas, adúlteros, judeus, hereges, gentios, ateus, e tudo debaixo do nome de Cristãos e das obrigações de católicos".

A miscigenação necessária que se processou com estes elementos não podia dar líderes que lançassem bases duradouras para a Região que poderia ter sido, posteriormente a mais desenvolvida do Ceará. A Ibiapaba na opinião de autores abalizados, era uma espécie de "Babel" onde todos procurando sobreviver, viviam na mais profunda promiscuidade. Todas as vezes que chegava uma leva de aventureiros às casas das aldeias, sobretudo às que eram habitadas por índias, passavam oito dias fechadas com medo do assalto dos recém-chegados.

Este fato sociológico não aconteceu com Sobral, por exemplo, quando desde o início de nossa colonização tivemos homens de formação, de caráter comprovado, líderes que souberam dar um rumo certo à nossa vida social, política, económica e religiosa.

Os Padres Jesuítas, no ardor de sua evangelização, apareceram na Ibiapaba nestas circunstâncias. Em pouco tempo construíram 55 aldeias em todo o Planalto. Conseguiram colocar sob sua jurisdição todo este amálgama

humano. E foi com o Padre Ascenso Gago, Diretor das Missões Jesuíticas da Ibiapaba, que o Planalto transformou-se numa República bem fortificada. Isto ia, aos poucos despertando a atenção não só da Metrópole como da Província de Pernambuco e de muitos aventureiros.

Este Padre Ascenso Gago — causador de toda a decadência da Missão — só se preocupava em defender sua "fortaleza". O Padre Serafim Leite em seu Livro História da Companhia de Jesus no Brasil, tomo III, pág. 67 diz o seguinte: "Logo em 1701 uns Tapuias Catiguadus, vindo a resgatar farinhas e mandiocas, não contentes com o que compravam e lhes davam os Tabajaras, deram para furtar e destruir as roças sem escapar as dos PADRES. Os Padres com um grupo de índios foram ao seu rancho repreendê-los. Mas eles receberam-nos em som de guerra. Seu chefe Matipucu, dependurou no ombro a itamarana, pôs a seta no arco, bateu o pé e apelidou os seus. Os Tabajaras preparam-se para a luta e não valiam razões. Noutra passagem, o referido autor mostra outra faceta do domínio temporal dos Padres." Aquele inconveniente das distâncias das fazendas, foi-se desvanecendo com o aumento delas. Por volta de 1695, o Padre Ascenso Gago situou alguns gados no Rio Camusin, no lugar "hoje denominado Missão". Foram "os primeiros, diz Ascenso Gago que se levantaram àquele sertão e a cujo exemplo se povoaram ao depois as terras adjacentes. Diz o mesmo Padre, na sua carta de 10 de Outubro de 1695 que tencionava comprar 20 ou 30 novilhas para a sua Missão. Para as sustentarem tratou o Padre de angariar terras e de fato as alcançou neste período, o mais florescente da Missão; obteve outras em 1717 e 1726 o Colégio de Pernambuco em Imbueira.

Diante do aumento crescente no campo temporal o Rei de Portugal, temeroso, ordenou, a 8 de Março de 1693, que aos Padres pertencesse a jurisdição espiritual e que a temporal ficasse ao Capitão-Mor, com a condição de não vexar os índios. O Padre Ascenso Gago era um autêntico comandante militar. Os índios das adjacências de Fortaleza, certa vez atacaram Aquiraz, Acaraú e outros lugares cometendo as maiores atrocidades. Na Ibiapaba deram-se mal, pois o Padre Ascenso Gago, feito pela necessidade, comandante geral, organizou a defesa, e, tão bem, que salvou a Aldeia.

Desde então começaram as acusações contra os Padres Jesuítas da Ibiapaba. Já Soares Moreno dizia que,

na alegação dos seus serviços, os Padres iam em demanda de Minas que dizem os franceses que estão na serra do Ponaré. Não é de estranhar, portanto, que acontecesse vários assassinatos de Padres.

Tanto mais os Jesuítas se engajavam no temporal quanto mais fortes e pesadas eram as acusações que recaíam sobre eles. Constantemente chegavam a Lisboa atitudes inconfessáveis dos dedicados apóstolos. A distância impedia um inquérito mais minucioso. O desgaste, contudo era grande. Em Lisboa encontra-se um documento dizendo o seguinte: "A acusação mais grave é esta: que o Padre Ascenso Gago chegou a dotar com doze ou quinze mil cruzados uma filha que casou, cujo dinheiro se ajuntou por meio dos Índios que em seu serviço o ganharam, carregando sal para o Piauí a troco de vacas com que povoou vários sítios.

"Outra tempestade tiveram que vencer os Padres da Ibiapaba, movida, desta vez pelo Cura de Acaraú, João de Matos Monteiro, que porfiava em demonstrar por todos os meios não ser útil que a Aldeia de Ibiapaba se administrasse pelos Padres da Companhia. Tudo, vinha, afinal, a dar nisto: que os Padres se retirassem, que as terras ficassem para os moradores.

Primeiramente, diz um autor da época — José Caeiro — faria injúria muito grave à Vice-Província do Maranhão se negasse que os filhos dela (Companhia de Jesus) naqueles vastíssimos e incultos sertões, tinham uma pobre sim, mas bem povoada República.

O Padre Serafim Leite, comentando a expulsão dos Jesuítas do Ceará e do Brasil faz este comentário: "Assim terminou o primeiro ato destas missões, depois célebres missões do Ceará, Maranhão e Pará. Século e meio mais tarde, quando a perseguição lançava aos quatro ventos tantas insinuações caluniosas, entre elas havia uma, que os jesuítas tinham fundado uma República.

Os Jesuítas, desacreditados, diante de tantas acusações saíram sem deixar líderes capazes de continuar seu trabalho, capazes de administrar suas grandes fazendas, suas sesmarias. Preocupando-se muito com as coisas materiais, descuidaram-se do principal — o espiritual. Nisto viram desaparecer de suas mãos uma vasta região cujo único objetivo da presença deles nela era a evangelização.

Um povo que estuda, conhece e ama sua história, torna-se forte e dinâmico.

CAPÍTULO SÉTIMO

O DECLÍNIO DA IBIAPABA APÓS A EXPULSÃO DOS JESUITAS

Os Jesuítas souberam construir um patrimônio considerável não só para a Congregação da qual faziam parte como também para a Freguesia de Viçosa que até o meado do século XVIII compreendia todo o Planalto e mais as terras onde hoje está localizada a cidade de Granja.

Os bens patrimoniais de ambas as entidades, isto é, da Igreja Paroquial e da Companhia de Jesus formavam uma só coisa sendo muitas vezes difícil dizer-se o que era da Igreja e o que pertencia aos Padres Jesuítas.

Quando Marquês de Pombal decretou a expulsão dos Padres Jesuítas de todo o Brasil todos os bens patrimoniais administrados por estes Padres foram incorporados à Fazenda Real.

Os primeiros Vigários de Viçosa após a saída dos Jesuítas procuraram, juntamente com os Visitadores Eclesiásticos, reaver todos os bens da Paróquia que foram incorporados à Fazenda Real. Depois de um processo muito prolongado conseguiram que tudo viesse novamente às mãos do Vigário e seus coadjutores.

Se a Ibiapaba já ao tempo dos Jesuítas era um alvo de cobiça de quantos desejavam uma vida mais fácil, agora, então, sem a vigilância eficiente, tenaz e lucrativa de todo um exército de neófitos seria a desagregação de

tudo. *E não custou* muito isto acontecer. Acresce, ainda, que os encarregados da Fábrica, isto é, *os tesoureiros*, aqueles que ficavam com a guarda das alfaias, dos objetos em ouro e prata nem sempre tinham a devida consciência na preservação do acervo a eles confiado.

O documento abaixo vem provar esta afirmação.

"Recebi do Sr. João Batista Teixeira, Procurador do Revmo. Sr. Vigário Felipe Benício a cujo cargo se achava a Igreja Matriz de Nossa Senhora d'Assunção desta Freguesia, todas as alfaias em prata, ouro e os ornamentos pertencentes a mesma *Igreja* Matriz como tudo se vê do Inventário supra faltando o ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA do mesmo Título, de três Padres Nossos, quarenta e huma Ave-Marias, o Menino Jesus de Nossa Senhora dos Remédios com seu Resplendor de Prata e três Retábulos e para a todo tempo constar passei este recibo em ambos assignamos. Viçosa — 1767 — pág. 80).

Vigário Interino José Valcacer.

Os Jesuítas, na ânsia incontida *de fazer o maior número* de neófitos no Planalto da Ibiapaba e de salvaguardar o grandioso patrimônio temporal esqueceram-se de descobrir os verdadeiros líderes leigos que pudessem ser pioneiros da colonização ibiapabana. Talvez isto não interessasse muito a eles. Acredito que esta foi a razão do declínio que se verificou em todas as Missões dos Jesuítas do Ceará.

A luta pelas posições chaves da Paróquia e da administração dos *bens readquiridos* da Fazenda Real era grande. A competição se fazia sentir por todos os meios.

O Livro de Registro acima citado traz uma nota bastante significativa que lança muita luz nesta questão.

"Pelo falecimento do Revdo. Vigario desta Freguesia Maximiano José Valcacer QUE FOI ASSASSINADO, tomei conta de todas as alfaias da Igreja desta Freguesia constando do Inventario e recibo que o mesmo havia passado a fl. 80 de hum Livro Cartorio da Igreja em que se achava *o dito Inventario, pelo* Visitador Lourenço Correa de Sa, ficando depositados em meu poder todos os bens constantes do recibo do dito Vigario falecido Valcacer de que com o presente de minha letra afirma. Vila Viçosa, 19 de Dezembro de 1842.

João Damasceno Fontenelle — Juiz Municipal de Orfaons".

A vida em Viçosa como em todo o Planalto não andava muito boa. É o que se depreende das *notas deixadas* pelos procuradores dos patrimônios das Igrejas e Capelas. Um ano depois do assassinato do Padre Valcacer veio a falecer outro Padre conforme declaração de João Damasceno de Fontenelle.

"Declaro que por falecimento do Revdo. Vigario proprietario Felipe Benicio me foi pedido hum ornamento da Igreja Matriz desta Freguesia e com ele será revestido e irá a sepultura o mesmo finado sendo huma Casula, huma Estola, hum Manipulo, hum amicto e hum singulo sendo o Ornamento de Tafetá branco com encarnado, obrigando-se a dar outro novo. Vila Viçosa, 1.º de Junho de 1848. João Damasceno Fontenelle".

Com a vinda do Padre José Bevilaqua para Viçosa as "coisas" começaram a melhorar um pouco. Homem bastante inteligente, criado em Fortaleza, bom administrador, soube em pouco tempo unir toda a sua comunidade dispersa por pequenas ambições, intrigas e desavenças. O livro de Registro da Paróquia faz menção de sua presença *no Planalto a 29 de Fevereiro de 1844* quando anotou: — "Recebi do Revmo. Vigario João Chrisostomo d'Oliveira Freire as peças constantes do inventario desde as fls. 81 até 86 verso, com suas observações e notas acressendo mais um ferro de fazer hostias e outro de cortar particulas e para clareza passei o presente em que ambos nos assignamos, um como recebedor e outro que entrega. Vila Viçosa, 29 de Fevereiro de 1844, o Vigario José Bevilaqua".

O Bispo do Ceará, *dada a eficiência do* Padre Bevilaqua à frente da Paróquia de Viçosa, o conservou nesta cidade por muito tempo. .Assim é que a 24 de Dezembro de 1864 — 20 anos depois — sua presença ainda é anotada como Vigário.

Este declínio religioso, social, político e econômico não se deu em Sobral. Quando Antonio Rodrigues Magalhães morreu sucedeu-o na liderança seu genro Antonio Lopes Freire.

Um povo que estuda, *aprende e ama* sua história conserva-se forte e dinâmico.

CAPITULO OITAVO

SÃO BENEDITO NO PLANALTO DA IBIAPABA

Os Jesuítas de Viçosa tinham um particular desvelo *por* São Benedito. O escritor Antônio Bezerra, em seu Livro "Notas de Viagem", falando sobre S. Benedito diz o seguinte: "Esta região desde o seu começo fora infestada por malfeitores, que percorriam o distrito, levando por toda a parte, onde apareciam, o surto e a morte. Seu solo, como o de toda a Serra Grande, à parte alguns pontos *onde a selvageria* continua ainda o seu irresistível fadário de destruição, é coberto de rica floresta, notável em plantas medicinais e madeiras de construção. Dos cimos dourados das árvores gigantes desce a vista sempre afagada pelo encanto de variedades até o chão, onde se distende a cobrir as ondulações do terreno e fragosidades de rocha, *esmeraldino tapete de musgo e relva*, a que animam as mais lindas e variadas flores de todas as formas e matizes".

Em outra parte de seu admirável livro o autor acima citado, profundamente impressionado pela beleza da topografia de S. Benedito assim se refere: "Tendo visitado toda a Serra da Ibiapaba Jacome Raja Gabaglia e Basílio Antônio de Siqueira Barbedo que faziam parte da comissão científica enviada a esta Província em 1859, ficaram tão enamorados da riqueza do solo e excelência do local, que cada um comprou uma posse de terra, convencidos de que em todo tempo tinham uma fortuna".

"Sua principal importância é fornecer a pedra precisa para os passeios e soleiras dos prédios melhores da cidade de Sobral".

Duas razões, portanto, levaram os Jesuítas a estenderem até S. Benedito o seu domínio religioso, político, social e econômico: primeiro, a exuberância da natureza e, segundo, a necessidade de converter os malfeitores. Para isto se obrigavam a passarem mais de dois meses ou três, fixos lá, efetuando as chamadas "desobrigas".

O Livro de Registro de Viçosa de 1767 fala sobre uma Irmandade de S. Benedito, muito antiga, existente neste distrito nos seguintes termos — "Ao Reverendo Coadjutor. Revmo. Sr. Não tendo V. Sa. até esta data dada amostra ao nosso ofício de 17 de Setembro de 1859 cuja cópia a este acompanha, rogo a V. Revma. que com a possível *brevidade* me dê resposta do que neste esclareci, com o que fará grande serviço. Deus guarde a V. Revma. Viçosa, 12 de Agosto de 1861. Ilmo. e Revmo. Sr. João de Oliveira Freire D. Coadjutor desta Freguesia em S. Benedito.

Em outra parte acrescenta: "Ilmo. Sr. Não tendo V. Sa. até esta data me remetido a cópia dos estatutos da Irmandade desta Capela na forma do número pedido em officio de 17 de Setembro de 1859 respondendo V. Sa. que logo que obtivesse do Secretário da Assembléia Provincial a certidão dos mencionados Estatutos me remeteria a cópia na forma do número pedido, mas como V. Sa. não o tenha feito apesar de a haver obtido a *referida* certidão, vou de novo exigir de V. Sa. a cópia dos mencionados Estatutos, o que espero do zelo de V. Sa., a quem Deus guarde. Viçosa, 23 de Abril de 1861.

Em outro ofício o Vigário de Viçosa fala novamente desta Irmandade.

Ao Juiz da *Fazenda de S.* Benedito. Ilmo. Sr. Informe-me V. Sa. com urgência, de quantas eleições dos membros da Irmandade de Benedito, cujo compromisso hoje me foi entregue com o ofício de V. Sa. de 9 deste se tem procedido na Capela do mesmo Santo nesse Distrito. Deus guarde a V. Sa. Villa Viçosa, 11 de Outubro de 1861. Podemos deduzir destes documentos que já em 1859 havia em São Benedito uma florescente comunidade.

O nosso Antônio Bezerra diz que o "Vigário de Viçosa, Padre Felipe Benício, de quando em vez aparecia no nascente arraial, fundado pelo índio Jacó, que tinha uma particular *veneração a S. Benedito* — onde celebra-

va Missa e desobrigava os moradores do preceito quaresmal até que em 1847 para lá foi residir o Revmo. João Crisóstomo de *Oliveira Freire*.

"Este fez quanto em suas forças cabia para levantar o povoado, acrescenta o autor de "Notas de Viagem", principalmente pela suntuosidade das festas ao Padroeiro, mandando vir DA CIDADE DE SOBRAL *música e outros* preparos indispensáveis e não se poupando a sacrifícios para torná-las concorridas o mais possível.

Podemos, assim, *considerar* o Padre João Crisóstomo como o principal líder de S. Benedito. Com doações e esmolas conseguiu construir uma magestosa Igreja que *se tornou o* centro de toda a irradiação sócio-religiosa do sul do Planalto da Ibiapaba.

Morreu este sacerdote no ano de 1878 — considerado o promotor do engrandecimento de S. Benedito.

Em 1880 a povoação do *índio Jacó recebe* o seu primeiro Vigário na pessoa do Padre João Rodrigues Alves de Mendonça. Com a expulsão dos Jesuítas do Planalto *da Ibiapaba S. Benedito* não entrou em fase de declínio, pois a Freguesia, ou melhor, a Igreja não possuía bens cobiçáveis. Os vigários não se entregando ao temporal tiveram mais tempo para formar líderes que pudessem continuar um trabalho de desenvolvimento que só a *eles* caberia.

Voltando-se para as suas potencialidades os Padres e os leigos conseguiram, *aos poucos, explorar* aquilo que de extraordinário a região lhes oferecia, o que não aconteceu com Viçosa onde os bens patrimoniais da Igreja foram *confiscados e depois* que os sucessores dos Jesuítas conseguiram recuperá-los continuaram a ser destruídos.

Todas as vezes que um povo, confiando em si, sabe explorar suas potencialidades cresce, desenvolve-se e torna-se dinâmico.

CAPITULO NONO

ORÍGEM DA FAMÍLIA FONTENELLE

Os Fontenelles de todo o Nordeste vêm de um só *tronco, quer morem* no Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba ou Pernambuco.

Esta numerosa família descende de Jean Fontenelle — "engenheiro de minas e *Capitão* de Milícias, nascido em Milun (França). Na metade do século XVIII veio para o Brasil integrando uma comissão de engenheiros destinada a fazer pesquisa na famosa Gruta do Ubajara. Esta Comissão vinha ao Brasil de ordem da Corte Portuguesa atendendo aos pedidos do então Cura da Rocha, que supunha existir muito ouro e prata nos Contrafortes daquelas *serranias*. A *tal* Comissão nada encontrou de positivo. Redundando a Missão em fracasso, cada um tomou seu rumo, ficando JEAN morando na Aldeia de Viçosa e aí casou-se com Umbelina *Maria* de Jesus, filha de Manoel Gonçalves Rodrigues".

Todos os Fontenelles que moram em Viçosa, no Planalto da Ibiapaba, em Sobral, Coreaú, Granja, Camocim, Acaraú, Fortaleza, etc. têm suas raízes num único tronco: em JEAN FONTENELLE.

De seu casamento com Umbelina Maria de Jesus nasceram nove filhos que conseguiram dar ao Pai uma numerosíssima descendência. O primeiro rebento da prole de Jean foi Felipe Benício Fontenelle e, que por sinal, o mais pródigo em filhos. Casando-se três vezes conseguiu vinte e oito filhos.

Nasceu Felipe Benício a 23 de Agosto de 1767. Casou-se em *1788 com* Tereza do Espírito Santo, filha de Antônio do Espírito Santo Barcelos. Do seu primeiro enlace matrimonial nasceram *15 filhos:*

Francisco Benício Fontenelle que se fixou no Maranhão, Francisca do Espírito Santo Santo que *foi residir em* Itapagé, Domingos do Espírito Santo que morreu solteiro, Raimundo Benício, Marcos Benício, Ana Fontenelle, Antônio *Benício que foi residir em* Acaraú, Felipe Benício, Jacinto Benício, Delfina Benício, Tomásia Fontenelle, Maria Fontenelle que *casando-se com seu parente* Francisco Lopes Freire, descendente dos Magalhães de Santa Quitéria deixou descendência nesta cidade, João Silvério *Fontenelle* e um natimorto.

Tereza morreu de parto em 1814. Felipe Benício Fontenelle, *apesar de ter muitos filhos* não se contentou em permanecer viúvo. Casa-se em segundas núpcias com Inocência de Sousa Castro que lhe *dá apenas um* filho que durou apenas vinte e quatro horas. Inocência morreu em 1915.

O primeiro filho de Jean Fontenelle *era muito forte*. Em 1816 casa-se pela terceira vez com Maria dos Anjos Portela. O casal teve mais ainda oito filhos: Cândido, Manoel *José Fontenelle*, José Severino, Fausto Fontenelle, Maria dos Anjos Fontenelle, Ana Santana Fontenelle, Maria da Assunção que casou-se duas *vezes, Cândida* Fontenelle, José Silvestre Fontenelle, Antônio José Fontenelle, Francisco José Fontenelle e Miguel.

O segundo Filho de Jean Fontenelle foi Rosa Maria Fontenelle que casou-se com o Tenente João de Barcelos de Sobral. Deste casal nasceram os *Fontenelle* da Princesa do Norte. A descendência de Rosa Maria foi pouca, apenas seis filhos: — João Fontenelle, Silvestre de *Oliveira Barcelos*, Rosa Maria Fontenelle, Lourenço Justino de Barcelos, Antônio Honorato e Isabel do Espírito Santo.

O terceiro rebento de Jean Fontenelle foi Guilherme Fontenelle que nasceu em 1778 e casou-se com Ana Joaquina do Rosário indo morar em Iboassu. Oito filhos constituíram *a descendência direta* deste casal: — Joaquim Fontenelle que foi morar no Maranhão, Umbelina Maria de Jesus que foi para Marabá (Pernambuco *deixando treze* filhos, Maria Joaquina Fontenelle, Ana Joaquina do Rosário, Guilherme José Fontenelle Filho, Antônio Vaz Fontenelle, que casou-se duas vezes, Clara Maria de Jesus casada com Gonçalo José Damasceno *que foi morar na* Pedra de Fogo-Granja, Rosalina Fontenelle.

O quarto filho do Francês Jean que preferiu ficar no Brasil a voltar para a França foi Agapita Fontenelle — residia em Coreaú. Casou-se com o português Manoel Moreira Simões. Nasceram-lhe tão-somente *quatro filhos*: Tereza *Maria de Jesus*, Maria, casada com Alexandre Rodrigues Moreira moradores em Coreaú. Os livros não dão o nome do terceiro filho; era mulher casada com José Gomes Damasceno, residente na Meruoca, e Maria Nazaré.

O quinto filho do velho tronco foi Paulo *Fontenelle* casado com Rosa Maria do Espírito Santo. Deste casal surgiram cinco filhos: — Ana Maria do Espírito Santo, José *Tomás* Fontenelle, Maria Roberta da Assunção, Rosa Francisca Xavier Fontenelle e Mafalda Agostinho Fontenelle que casou-se duas vezes.

·O sexto filho de Jean chamava-se João Damasceno Fontenelle casado com Francisca dos Reis deixando quatro *filhos:* — Maria Cassiana Fontenelle, Clara Simplício Fontenelle, João Martiniano Fontenelle e José Sérgio Fontenelle.

O sétimo *filho foi* Plácido Fontenelle, casado com Maria Antônia dos Santos, filha do Português Antônio Vaz dos Santos e deixou dez filhos.

O oitavo foi Ludovica Fontenelle casou-se com Nicolau Lelou. Deixou quatro filhos.

O *nono e último filho* de Jean e Umbelina foi Amaro Fontenelle. Nasceu em Viçosa e deixou oito filhos.

Um povo que conhece e ama sua História torna-se um povo dinâmico e empreendedor.

A PRESENÇA DOS JUDEUS EM SOBRAL E NA ZONA NORTE DO CEARÁ

3ª Parte

CAPITULO PRIMEIRO

OS JUDEUS EM SOBRAL

A Paróquia da Sé de Sobral possui alguns livros valiosos que podem fornecer muitas luzes sobre a história de nossa terra. Todos nós sabemos que muitos fatos no presente, muitos acontecimentos sociais, religiosos, políticos e econômicos têm suas raízes em antecedentes remotos. Não é sem razão de ser que, na atualidade aparece muitas vezes um personagem com excelentes dotes intelectuais, com capacidade extraordinária para a política; um excelente homem de negócios que surpreende; um indivíduo que se antecipa a todos os seus contemporâneos.

Estes personagens que aparecem dando uma contribuição superior à história, muitas vezes, descendem de troncos altamente politizados. Do início ao fim do século XIX viveram em Sobral alguns judeus. Acredito que deixaram descendência. A primeira prova deste acontecimento que para mim é importante, consiste no túmulo de um judeu situado logo à direita da Capela do nosso Cemitério.

Aquele túmulo sempre me chamou atenção. Na lousa de mármore estão gravados os seguintes dizeres: "Samuel Weil né tzenheim (Alsase) 27 Juillet-1887 † 28 Octobre 1901. A mon cher et regretté Epoux. A notre Pére bien aimé. Sa vouve et ses enfants eplorés." Acima destes dizeres há uma frase em hebraico em que denuncia a sua filiação judaica.

Consultando o Livro de Óbitos da Catedral, do século passado, encontrei *um assento* de falecimento que julgo ser do dito Samuel. "Sepultou-se no dia 29 de Outubro (1901) em um túmulo do Cemitério de S. José desta cidade o cadáver de Samuel Gradvol, branco natural da Alsacia, casado com.... Faleceu *de congestão na idade de* setenta e nove anos. Para constar fiz este assento que assino Mons. Diogo José de Sousa Lima". As indicações do *assento de óbito não* coincidem "in totum" com as da placa de mármore que foi colocada muito posteriormente. O vigário, tio de D. José, certamente conhecia pouco o estrangeiro que vivia em Sobral, daí a reticência quanto ao lugar de origem e quanto *ao casamento*.

Estas lacunas no assentamento de óbito de Samuel é explicável, pois os judeus, no século passado, não eram *bem* vistos em lugares onde a população era totalmente católica. Eles faziam tudo para permanecerem incógnitos uma vez que a Tradição afirmava terem eles, morto Cristo.

O referido livro de óbitos traz outro documento importante sobre *a existência de* judeus na região. Observem atentamente os leitores.

"Letícia, filha de Moysés Bénmiara e de Rachel Benmiara, judeus, adulta, nasceu a três de janeiro de mil oitocentos e oitenta e seis depois de ter sido devidamente instruída na fé católica, e de ter abjurado a fé hebraica foi por mim solenemente batizada na Igreja Matriz, de licença episcopal, *a quatorze de Setembro* de 1911. Padrinhos Raimundo Donizetti Gondim e D. Ana Donizetti Gondim. Para constar fiz este assento que assigno. Padre Dr. José Tupynambá da Frota. Livro 57 fl. 157v".

Aqui está claro que esta família Benmiara residia em Sobral e deixou descendência. Os filhos de Moysés e Rachel (nomes bíblicos; usados pelos judeus) nascidos aqui, *trataram, certamente de se batizarem*, pois, em 1911 nossa terra era muito pequena e pessoas pagãs, eram sempre mal vistas e mal recebidas. A este tempo, em Sobral, tudo girava em torno da Igreja. Era quase uma teimosia, uma temeridade para melhor dizer, uma pessoa permanecer pagã no seio de uma comunidade visualmente católica. Eis a razão por que Letícia, já adulta, e desejando, certamente, casar-se *optou pelo batismo* católico, pelo ingresso no cristianismo.

A família Benmiara deixou prole que, por sua vez, espalhou-se em toda a região. Lembro-me bem que Mons. Linhares, estudioso de nossa história, sempre afirmava

que o povo de S. Vicente tinha muita ligação com o povo judeu. Hábitos, inclinações para o edonômico, traços físicos, modos de viver, etc.

Acredito que as pesquisas continuarão e elas mostrarão, sem dúvida, a grande contribuição que uma parcela *da grande raça judia deu à nossa gente*, fazendo com que o povo sobralense liderasse sempre toda a zona norte do Estado.

O impulso dado pelo grande Antonio Rodrigues Magalhães seguido por seu genro Vicente Lopes Freire tornou a Velha Caiçara numa próspera povoação, transformando em seguida, em Vila Distinta e Real de Sobral.

A contribuição judaica foi realmente valiosa. Se a Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú exercia no século passado a hegemonia sobre toda a região com a vinda de judeus para cá esta hegemonia se concretizou e contínua a se exercer tendo em vista as bases sólidas sobre as quais foi construída.

Um povo que ama, conhece e estuda a sua história e que permanece fiel às suas origens, conserva-se sempre dinâmico.

CAPITULO SEGUNDO

OS JUDEUS E A NOSSA ECONOMIA

A participação dos judeus na economia sobralense foi decisiva para a sua consolidação na região Centro-Norte do Estado. Foram eles que deram o rumo certo que descortinaram novos horizontes, que fixaram as bases da nossa economia de tal modo que seu sistema implantado transmitiu-se a várias gerações.

Se atualmente Sobral se impõe em todo o Estado por sua produtividade — pois é considerado como a capital do Chapéu de Palha, o Centro Nacional para Pesquisa de Caprinos e Ovinos (Embrapa), o maior centro produtor de cimento do Norte e Nordeste se isto acontece — é porque os judeus plantaram aqui uma infra-estrutura capaz de suportar um grande desenvolvimento comercial e industrial.

O escritor José Gonçalves Salvador em seu livro "Os cristãos-novos. Povoamento e Conquista do Solo Brasileiro (1530-1680)" diz o seguinte em sua introdução: "Antropólogos, historiadores e sociólogos têm-se ocupado em estudar a presença do indígena e a do escravo negro na elaboração do complexo socioeconômico brasileiro, mas não deram ainda a suficiente importância a um terceiro grupo étnico mui significante, qual seja o dos chamados cristãos-novos nos primeiros séculos. São poucas as obras que tratam dos mesmos... E, no entanto, já se passaram mais de sessenta anos desde que Varnhagen abriu valiosas trilhas em sua invejável História Geral do Brasil.

Em outro livro "Os Cristão-Novos e o Comercio no Atlântico Meridional, José Gonçalves Salvador refere-se aos judeus no Brasil do seguinte modo: "Para se ajuizar da importância que os hebreus (judeus) tiveram na economia de Portugal, duas coisas pelo menos, devemos levar em conta: a primeira diz respeito ao número deles no acervo da população, e a segunda é a que se refere às modificações que o Reino (Portugal) vinha sofrendo desde os últimos séculos da Idade Média. Eles formaram uma das maiores comunidades em todo o Ocidente, quanto à sua própria etnia.

Os judeus infiltraram-se em todas as camadas sociais de Portugal e também da Espanha. Daí vem a expressão marítima dos portugueses e o trato mercantil que distinguem os portugueses.

Os judeus figuraram entre os mais lídimos dinamizadores do ultramar, percorrendo sobretudo as densas águas do Atlântico Sul. Muitos deles possuíam navios e se deslocaram para onde queriam de tal modo que passaram a formar núcleos ou mesmo comunidades nos pontos mais propícios aos intercâmbios comerciais.

Enquanto Portugal se beneficiava amplamente com os judeus que se tornaram os Bandeirantes Portugueses, vem a inquisição, a terrível inquisição inimiga dos hereges que, segundo ela, disseminava entre as comunidades, o mal da desunião. A este tempo Igreja e Estado andavam sempre juntos. Um ajudava o outro. Era imprescindível para a subsistência da unidade territorial, política e econômica a união dos poderes espiritual e temporal.

Os judeus foram considerados hereges no instante da instalação da Inquisição em Portugal e Espanha que, nesses dois países, tomou o nome de Santo Ofício. Tinham que ser punidos se não regenerassem a fé judaica. Os castigos eram os mais diversos: morrer queimado vivo na fogueira, expatriação, confisco dos bens, prisão perpétua.

Sucedem em consonância, que os tempos se viraram contra a estirpe em Portugal. A mãe-pátria transformou-se aos poucos em madrasta. A perseguição em Portugal foi tão eficiente que o exílio dos judeus ocasionou o declínio da economia portuguesa uma vez que eram os judeus os mais importantes comerciantes de Portugal e aqueles que mais traziam divisas para o Reino.

Quem podia, afirma o autor acima citado, esperava para as nações do Norte ou evadia-se para o Brasil que

lhes proporcionava uma série de vantagens. E aqui encontravam o seu paraíso. Longe de tudo e de todos, da Santa Inquisição e dos Inquisidores-Mores poderiam exercer as mais diversas atividades comerciais sabendo eles que tinham o consentimento tácito do Rei que não mais podia prescindir deles.

No Brasil fizeram ligações com Luanda, na África e o Rio da Prata. O complexo mercantilista a que Portugal se atirara aqui no Brasil com as ligações Rio, S. Paulo-Recife-Luanda e Rio da Prata encontrou nos judeus agentes sérios, trabalhadores e dedicados.

O escravo negro, o açúcar e os metais preciosos de origem hispano-americana foram os principais artigos comercializados pelos corajosos judeus.

Os judeus, em Portugal eram tão numerosos que se a Inquisição fosse expulsá-los indiscriminadamente, conforme pensava, a nação se despovoaria. O Rei, temendo um colapso, teve que escrever ao Papa, pedindo-lhe certa indulgência, do contrário seu país entraria em estado de Recessão.

Em Sobral foi grande a afluência de judeus, dos chamados cristãos novos. No "hinterland" cearense eles estavam inteiramente livres tendo ao seu dispor o Porto de Camocim que lhes oferecia contato com o resto do mundo.

Com o tempo, porém, o Santo Ofício chegou ao Brasil e também ao Ceará. José de Xerez Furna Uchoa, um dos homens mais importantes da Velha Caiçara, foi acusado de ser "cristão-novo". A intervenção dos mais valiosos amigos não conseguiu a suspensão de sua pena. Foi degradado para a África onde passou sete anos sofrendo duros castigos. Seus amigos conseguiram livrá-lo através de uma vultosa soma em dinheiro. Chegou a voltar a Sobral onde morreu pouco tempo depois debilitado pelos grandes infortúnios.

Um povo que ama, conhece e estuda sua história, torna-se dinâmico.

CAPÍTULO TERCEIRO

A INFLUÊNCIA DOS JUDEUS NA FORMAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DE TODO O CEARÁ

O Sr. Vinicius Barros Leal publicou um excelente artigo na Revista do Instituto do Ceará (Tomo LXXXIX Ano LXXIX 1975) com o título "OS CRISTÃOS NOVOS NA FORMAÇÃO DA FAMÍLIA CEARENSE" que coloca muita luz quanto a presença dos judeus em todo o Ceará.

Os Judeus, sem dúvida, influenciaram poderosamente na índole do povo cearense. No início do seu artigo ele procura esclarecer com bastante nitidez esta tese. "Constituímos, diz ele, uma individualidade racial com características bem definidas com traços físicos, índole, reações psicológicas, costumes e impressão geral, apresentando uma média razoável de biotipos, com qualidades comuns e mais ou menos semelhantes. No entanto, isto que assim se apresenta, teve sua base assentada em dois elementos raciais e religiosos de características díspares; não me refiro ao preto e ao índio, mas a dois povos separados por opostas tradições de mil anos de individualização: o cristão e o judeu".

O povo judeu, onde quer que se fixasse — no Brasil, em Angola, na Rússia ou Alemanha — participava profundamente da vida sócio-econômica da Comunidade muitas vezes modificando o próprio viver desta comunidade. O segredo deste fenômeno e o de resistir a todos os obstáculos é assinalado também por Vinicius Barros Leal:

"O Povo Judeu sempre foi um povo "tremendamente endogâmico, conservando seus traços, suas mentalidades, seus hábitos milenares, integralmente, pouco sofrendo no conjunto, com as constantes *mudanças* de domicílio e pátrias através das perseguições que sempre o acompanharam. Odiados em todos os lugares onde estagiavam, expulsos incessante de qualquer pouso onde provisoriamente se estabelecessem para uma passageira *moradia*, é de admirar a perseverança com que sempre resistiram aos mais indizíveis sofrimentos. Partindo de um tugúrio ao outro, *sempre onde* paravam para tomar um pouco de ânimo, mantendo o mesmo espírito de constância, de persistência na crença ancestral, no espírito das gerações nunca esquecidas de seus profetas, guardando suas tradições, seus *hábitos inveterados*, seu folklore. A par disso, a imutabilidade antropológica, num conservantismo somático raro em qualquer outro povo ou raça. Pouco difere hoje um judeu puro, autêntico, que não tenha sofrido em sua gênese a influência de *outra raça*, de um outro de sua grei do século XV ou do XVI, conclui com muito acerto o nosso articulista".

Outra indagação que se faz sobre a presença dos judeus no Brasil e, sobretudo no Ceará, é a seguinte: Por que este povo preferiu nossa Pátria, nos séculos XVI, XVII e XVIII para se fixar?

"Portugal foi conhecido em épocas pretéritas como a Pátria mesmo dos judeus. Fugidos da Espanha encontraram abrigo na proteção de D. Manoel. Foram legiões. *Elevaram para um terço a proporção* que já era de um quinto entre cristãos e judeus. Numa população de um milhão, eram 300.000 e tornaram 550.000, em 1.350.000. Chegada a hora da perseguição, entre outras opções, viram o Brasil em princípio de colonização. *Lançaram-se* ao desconhecido com o ânimo de desbravadores e logo viram surgir as possibilidades de fácil enriquecimento que o seu crisotopismo antevia. Trouxeram a técnica da indústria do açúcar e pouco depois estavam dominando o mercado da Bahia e de Pernambuco. Ricos passaram a monopolizar o mercado pelas facilidades que encontravam na colocação *internacional de seu produto* através da Confraria dos judeus banqueiros da Holanda, Itália e França. Veio a Inquisição em Olinda, afugentou muitos, prendeu alguns. A invasão holandesa trouxe-lhes a liberdade de culto. Abriram a Sinagoga Zur Israel, descamuflaram-se, voltaram a usar seus nomes hebraicos, *opulentaram-se* novamente, mas foi breve a ilusão. De Pernambuco, aqueles menos enraizados saíram para fundar cidades, colonizar Martinica, fazer a futura Nova York. Outros retornaram à Holanda com todos os seus cabedais. Mas, muitos ainda ficaram, voltando ainda às práticas de um cripto judaísmo ao qual se tinham desabituado. Aparecem em 1711 no Recife, lutando pela autonomia da Vila em contraposição a Olinda com seus nobres".

É fácil, agora saber-se porque os judeus buscaram o interior do Nordeste sobretudo o interior do Ceará.

Quando começa o desbravamento dos sertões vizinhos de Pernambuco os últimos combates sangrentos para expulsão dos holandeses faziam milhares de vítimas, amedrontavam a maioria da população, os judeus "vão alí tanto em procura de novas riquezas como para encontrar melhor refúgio para melhor professarem sua religião.

"São encontrados nos Evangelhos da Paraíba em 1729. São dezenas de famílias que praticam acintosamente o judaísmo. Teve muito trabalho com eles o Familiar do Santo Ofício Antonio Borges da Fonseca. Os que conseguiram escapar da prisão mais e mais enterravam-se *nos sertões da Paraíba e do Ceará*. Estes disfarçadamente conseguiram uma grande infiltração em nosso Estado sobretudo nos lugares mais próximos à cultura de Açúcar.

Descendem muitas famílias cearenses desses cristãos novos. Esta recordação duas vezes centenária foi há pouco mais de 30 anos passados, revivida por um conhecido comerciante cearense que estava desejoso de mandar seus filhos estudar na Alemanha de Hitler. Sabedor das perseguições que estavam sofrendo os judeus naquela Nação, previdentemente achou por bem mandar fazer umas indagações acerca de suas origens.

CAPITULO QUARTO

DESCOBERTO O MAIOR "REDUTO" DOS JUDEUS EM SOBRAL

Há anos venho pesquisando a presença dos judeus em Sobral e em *toda a Região* do Vale do Acaraú. O ponto de partida foi a existência de um túmulo no cemitério local de um judeu falecido em nossa terra. Na lousa mortuária há uma inscrição em hebraico e em francês onde seus parentes recordam a sua *passagem* pela terra e as saudades que ele deixou.

Dando uma busca nos livros de óbito da Matriz de Sobral encontrei o registro de seu falecimento. Segundo as crônicas mais antigas o sepultamento *deste judeu em* nosso Campo Santo teve como conseqüência a interdição do referido cemitério, isto porque segundo o Direito Ca-*nônico* era proibido o sepultamento de judeus em cemitérios reservados aos católicos. Por algum tempo, portanto, ninguém mais foi enterrado neste local até que o Bispo de Fortaleza levantasse o "interdicto".

Procurando outras pistas encontrei em um dos livros de Casamento da Catedral o assentamento de um casamento entre um sobralense e uma judia. Havia uma observação curiosa embaixo. O referido casamento só foi *realizado após o vigário ter recebido a* "abjuração da fé judaica" da nubente e tê-la batizado segundo o Ritual Romano.

Procurando novos caminhos para descobrir o "Gueto Judaico" da Região encontrei um livro "manuscrito" de José de Xerez Furna Uchoa em que ele tenta provar que não era um "cristão novo" conforme era acusado. Para os inquisidores, *porém, a prova não foi concludente*, pois foi preso, levado para a Bahia e condenado ao "degredo" na África. Seus parentes, no entretanto, conseguiram trazê-lo de volta por uma soma considerável de dinheiro.

Lentamente as coisas iam se esclarecendo. Estudando os primeiros homens brancos que se estabeleceram no "Riacho dos Guimarães", hoje Groairas, dei mais um passo firme nas minhas pesquisas. Veio de Portugal *para esta* Região o Senhor Manoel Madeira de Matos que, segundo a Tradição, era natural de Coimbra cujo nome verdadeiro seria José Policarpo de Azevedo. Távora, filho do Marquês de Távora que escapara às perseguições de Pombal, trocando o nome e fugindo para o Brasil.

Segundo os estudiosos de assuntos judaicos no Brasil todos os judeus portugueses que conseguiam escapar dos *vexames* da Inquisição e *se refugiavam no interior do Brasil* mudavam de nome e sobrenome acrescentando ao novo nome o sobrenome de Madeira, Matos, Feijão, Melo, Oiticica, Linhares. Era uma espécie de senha através da *qual eram logo reconhecidos e recebidos num grupo judaico*.

Os descendentes dos primeiros judeus estabelecidos em Groairas multiplicaram-se rapidamente, tornando-se *eles em um grupo homogêneo*, bastante forte.

Tudo isto não constituía, ainda para mim uma prova concreta da presença dos judeus no Vale do Acaraú. Lendo, viajando pelo interior, indagando, pesquisando não parava de procurar a verdadeira fonte. Certo dia fui celebrar uma Missa no Distrito da "Várzea do Pinto", distante de Sobral 15 Km. Ao penetrar no Altar Principal da Igreja deparei-me com a sepultura do Doador das terras para a construção da referida Igreja. Na lousa estava gravado o nome: Trajano Rodrigues de Sousa. Nas datas do nascimento e da morte estava a Estrela Israelita — "O Símbolo de Salomão" — palavra muito comum entre os habitantes do Distrito da Várzea do Pinto.

Esta descoberta me levou a crer que aquele local teria sido o maior REDUTO JUDAICO EM NOSSA REGIÃO.

Depois de algum tempo voltei a ir dizer Missa no mesmo local. Aproveitei para aprofundar as pesquisas. Soube que o doador das terras teria adquirido estas ter-

ras ao Sr. Gradivol — descendente de judeus ali residente. Tudo, portanto, indicava que fora ali o local preferido pelos judeus que desembarcavam no Porto de Camocim ou de Fortaleza. De volta da Missa passo pela residência do Sr. Feliciano Ferreira da Ponte, Sr. de seus 73 anos que adquirira sua atual propriedade por herança deixada por sua mãe Rita Carmen de Aragão Ponte. Conversando, assim, com o dono da Fazenda Sobradinho disse-me que era parente de Manoel Cornélio Ximenes de Aragão — um dos maiores Corretores de Escravos do Ceará — residente em Sobral. Falando-lhe sobre a existência dos judeus em sua propriedade nos tempos passados, nada me respondeu, apenas se *retirou para o interior* da casa mas para logo voltar com um carvão na mão. Abaixou-se um pouco e, logo desenhou o "Símbolo de Salomão" no chão — a Estrela de Davi. Imediatamente começou a fazer várias referências sobre os judeus ali residentes afirmando que havia uma grande pedra nas imediações contendo uma inscrição em baixo relevo da Estrela de Davi — do "Símbolo de Salomão".

Formei uma equipe para *procurar* esta famosa Pedra. Depois de muita busca a pedra foi encontrada, perto de uma antiquíssima caieira. Depois de polirem de modo surpreendente a referida Pedra esculpiram em baixo relevo a mais venerável marca judaica.

Para mim tinha terminado a pesquisa sobre a presença maciça dos judeus entre nós. Eles se concentravam, sobretudo, do Sítio Sobradinho até a Várzea do Pinto, Várzea Redonda, Groairas.

CAPITULO QUINTO

O PADRE MORORÓ E SUA ORIGEM JUDAICA

Raimundo Girão em seu livro Abolição no Ceará, página 41 diz o seguinte: "*Malgrado o tentame holandês*, com a retirada de Matias Beck e sua gente, em conseqüência da capitulação da Taborda (Janeiro de 1654) voltou a Capitania Cearense, definitivamente ao poder luso com o Capitão-Mor Álvaro de Azevedo Barreto e suas quatro companhias de soldados e mais duas de índios e pretos séquito na vardade avultado, porém indispensável, se levarmos em conta a numerosa indiada ainda simpatizante dos flamengos.

Desde lá até o fim do século, continua o referido autor, quase nenhum progresso se verificou no povoamento do Ceará.

Durante o século dezoito é que a Capitania vai ser invadida até os confins pelos exploradores, gente de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Bahia, que se aventurava em busca de ótimas terras de criar, sua fama logo *se espalhou notória*.

Por outro lado Jarbas Cavalcante de Aragão em seu opúsculo Sesquicentenário do Nascimento de Manoel Ferreira Cavalcante afirma que a 8 de Novembro de 1682 o Capitão-Mor Bento de Macedo Farias concedeu ao Capitão Bento da Silva, a Jorge Coelho de Sousa e a outros, naturais de Pernambuco, várias sesmarias pelo litoral do Ceará.

Aos 23 de Setembro de 1683 acrescenta o mencionado autor, o referido Capitão-Mor concedeu a Manoel Goes e a mais seis companheiros, todos de Pernambuco, uma data de sesmaria de três léguas de terra para cada um, pelo rio Acaraú, ou sejam vinte e uma léguas que, do litoral, vinham atingir a atual cidade de Sobral.

A ação do homem branco até o fim do século XVII só chegou até Sobral — isto oficialmente. Manoel de Góes e seus companheiros não fizeram residência em suas respectivas sesmarias. As terras da Ribeira do Acaraú compreendidas no limite com a última sesmaria dos Góes permaneceram sem dono até os meados do século XVIII quando vem se fixar lá o Açoriano Alferes Lourenço Guimarães, casado em segundas núpcias com D. Maria Valcacer.

Luzia, uma de suas filhas, casou-se com Antônio de Albuquerque Melo. Logo após ao estabelecimento do Alferes Guimarães junto ao riacho que tomou seu nome aparece na região, onde hoje é Groairas o Sr. Manoel Madeira de Matos que, na opinião de Jarbas Cavalcante de Aragão, era de Coimbra e para escapar às perseguições do Marquês de Pombal trocara de nome e veio refugiar-se em Groairas. Seu verdadeiro nome era José Policarpo de Azevedo Távora.

A este tempo só mudavam de nome os judeus perseguidos pela inquisição e em nome dela o Marquês de Pombal. Talvez tenha acontecido com Manoel Madeira de Matos. E isto parece ser verdade porque em sua nova identidade havia a senha — Madeira e Matos. Desde então Groairas passou a ser o Gueto Judaico mais forte do Ceará. E para permanecer incógnito quanto a sua verdadeira identidade casa-se com Francisca de Albuquerque Melo, neta do Alferes Lourenço Guimarães.

Aos Melos vieram se juntar os Feijão, os Silva, nomes de cristãos novos como eram apelidados. A comunidade judaica logo se espalhou pelas nascentes dos afluentes do Acaraú e todos permaneciam distantes dos visitadores da Inquisição. As famílias Melo e Feijão até hoje trazem traços característicos de uma raça que só podendo viver isolada, a este tempo, procurou o mais que pôde realizar os enlaces matrimoniais sempre dentro da família.

O nosso Padre Mororó — um dos mártires da Confederação do Equador — era descendente de Manoel Madeira de Matos e Francisca de Albuquerque Melo. Seu

verdadeiro nome era Padre Gonçalo Inácio de Loiola Albuquerque Melo. Trineto do casal, achou por bem herdar os nomes: Loiola, Albuquerque e Melo.

Descendente de intrépidos lutadores e desbravadores sabia muito bem o sangue que corria em suas veias. Ordenando-se Sacerdote adquiriu uma cultura necessária para compreender a situação política e econômica do Império chefiado pelo impetuoso D. Pedro I.

A alma dos seus antepassados, quase reclusos no interior do Ceará, fazia-lhe tomar posição em todo e qualquer movimento de libertação, quer nacional, quer regional, daí sua adesão incontinente à Confederação do Equador.

Em Pernambuco as idéias liberais, republicanas, antilusitanas e federativas eram divulgadas por alguns líderes veteranos de 1817. As causas da Confederação do Equador foram: a situação econômica do Norte e Nordeste, periclitante devido à crise da lavoura tradicional; a insatisfação popular; a dissolução da Assembléia Constituinte; os pesados impostos; a submissão política das Províncias ao Rio de Janeiro e a outorga da Constituição de 1824.

A causa imediata, no entanto, foi a nomeação, por D. Pedro do novo Presidente da Província, ato político, arbitrário. A reação dos Pernambucanos foi pronta. Depõem o governo e uma Junta governativa assume o governo a 2 de Julho de 1824. O Ceará adere imediatamente ao movimento. E o Padre Mororó achou o momento oportuno para entregar-se de corpo e alma ao movimento e, assim, o Nordeste Independente e livre de qualquer influência estrangeira estava lutando pela liberdade total que sua raça não teve e que ele deveria ter. Atingiu seu ideal porque realmente morreu como um livre.

CAPITULO SEXTO

O RESULTADO DE UMA PESQUISA

O Jornal Israelita do Rio de Janeiro publicou recentemente um comentário sobre minhas pesquisas sobre a presença dos Judeus em Sobral. Passo, portanto, aos leitores o que os comentaristas Egon e Frieda Wolff disseram sobre o referido assunto:

TRIBUNA DO LEITOR

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1980.

Ao
JORNAL ISRAELITA
Rio de Janeiro

Prezados Senhores,

Lemos com interesse especial o artigo DESCOBERTO O MAIOR REDUTO DOS JUDEUS EM SOBRAL, de autoria do Pe. João Mendes Lira, na edição do dia 10 de julho de 1980 do seu conceituado jornal.

Durante as nossas pesquisas sobre a presença de judeus no Brasil, encontramos também residentes em Sobral, por exemplo, um SAMUEL WEIL, que aí faleceu em 1902, enterrado de acordo com o ritual judáico, na presença de seus amigos, entre eles o sr. Toledano, israelita

oriundo de Manchester. Seria interessante saber se o judeu mencionado no primeiro parágrafo do artigo seria o citado sr. Manuel Weil e quais os dados conhecidos ali sobre ele.

O caso da interdição do cemitério católico particular é muito curioso. Deve ter tido outro cemitério, municipal, onde os mortos, inclusive os católicos, foram sepultados até o levantamento da interdição. Mas existindo um cemitério público, municipal, pergunta-se por que o israelita não foi ali enterrado.

Mais informações sobre a judia que se converteu para esposar um sobralense seriam muito valiosa para a história dos judeus no Brasil.

Quanto às perseguições pelo Santo Ofício, gostaríamos de lembrar que entre os crimes julgados pelas leis canônicas há muitos outros além de heresia e apostasia, destacando-se crimes sexuais e a bigamia, muitas vezes encontrada nas colônias portuguesas. Ser cristão-novo não era crime, mas condição de vida.

Com referência aos sobrenomes portugueses podemos indicar que, em 19 de março de 1497, tinha sido decretado o batismo forçado de todas as crianças judias, entre 4 e 14 anos, o que ocorreu dois dias depois, dia 21, primeiro dia da Páscoa judáica. As crianças receberam no batismo um prenome português e como sobrenome o do padrinho português. Os algozes do Rei nem sempre observaram os limites de idade estipulados, levando para a pia batismal igualmente criancinhas e adultos. Isto explica o fato de que os judeus portugueses têm os mesmos sobrenomes como os portugueses católicos.

Quanto ao signo-de-salomão temos que constatar que o mesmo aparece em milhares e milhares de lápides tumulares em campos santos não israelitas. Nas nossas pesquisas cemitoriais no Brasil, perscrutamos bem mais do que cem mil inscrições de tumbas em cemitérios municipais e a grande maioria de inscrições de católicos mostra o pentagrama em frente da data do nascimento e a cruz da do falecimento. E o mesmo constatamos nas fotos que VV.SS. nos enviaram e que nós devolvemos aqui incluídas: o pentagrama e a cruz.

Esta nossa carta não foi escrita como crítica ao interessante trabalho do eminente pesquisador, mas achamos que certos pontos necessitavam de explicações.

Com um cordial abraço, subscrevemo-nos,

Atenciosamente

Egon e Frieda Wolff

Padre João Mendes Lira

O LOCAL ONDE DESEMBARCOU PINZON

4ª Parte

OS SINAIS DE TERRA VISTOS POR PINZON

Padre **João Mendes Lira**

Ultimamente estive com o padre Valderi, Diretor da Faculdade de Filosofia D. José de Sobral, em toda a região do Baixo Acaraú fazendo uma pesquisa de história. O objetivo principal era Almofala-antigo aldeiamento dos Índios Tremembés. Ao chegar, porém, a Morrinhos a região vai se planificando cada vez mais até chegar a Acaraú quando se encontra com o mar no mesmo nível.

O acidente geográfico a que me refiro é o "Morro do Mucuripe" que se apresenta a quem chega a Morrinhos como um gigante. Tem 730 metros de altitude, 15 quilômetros de comprimento. Inicia no "Olho Dágua Redondo" e termina na Baixa Fria. Sua chapada é variável indo de 500 metros a 4 quilômetros. Todas estas indicações me foram fornecidas pela Agência do IBGE da cidade. Como alguns moradores da referida cidade quisessem discordar da veracidade destas indicações houve quem dissesse: *"elas são verdadeiras, sim, pois este Morro* serve de farol, serve de guia aos pescadores em alto mar". É a última coisa que desaparece aos olhos de quem se lança ao mar a dentro e é a primeira coisa que se avista quando se vem chegando do exterior. Fiquei calado observando a discussão. Imediatamente liguei a presença deste morro com a presença de Vicente Pinzon no Ceará.

Logo que cheguei à praia, bem próxima a Itarema,

indaguei se era verdade que o morro do Mucuripi era visto do alto mar. Os velhos pescadores que estavam ao meu redor afirmaram categoricamente que ele era visto em toda aquela praia. Com isto não tive mais dúvida de que Vicente Pinzon teria sido guiado pelo histórico morro do Mucuripe e que, orientado por ele teria aportado na Ponta de Jericoaquara e não em outra parte do Ceará.

O escrivão da "armada" do antigo companheiro de Colombo e comandante do navio Nina, deixou escrito o seguinte: "Pusieron nombre alli donde tomaron este dia, Rostro Hermoso, el dia que la dicha tierra se desbrio... Fueron direchamente a las islas de Antonio que son del Rey de Portugal a fazer camage e que de allì partieron la via del sudeste em busca de descobrir e pensaron de no faltar tierra donde en tres ou cuatro meses a cabo de catorze dias dieron en tierra firme la via Sursudeste".

Vicente Pinzon, aventureiro navegador, acostumado às lides do mar, desejava descobrir novas terras. Juntamente com Cristóvão Colombo descobrira a América Central em 1492. Depois de sete anos, isto é, em 1499, resolve sozinho viajar em busca da linha equatorial a fim de descobrir novas terras. Navegador e descobridor destemido, parte com 4 caravelas e alguns companheiros das ilhas de Cabo Verde para regiões do mar situadas abaixo do Equador Sul.

Depois que atravessa a linha Equatorial, talvez um grau e poucos minutos foi surpreendido com um sinal de terra. Sem perca de tempo dirigiu sua flotilha em direção àquele surpreendente sinal que certamente o tornaria célebre como Cristovão Colombo. E quanto mais deixava a linha equatorial mais se apresentava diante dele uma terra agigantada. Era o morro Mucuripe, com seus 730 metros de altura que servia de guia ao corajoso espanhol. Embora encravado nos arredores da atual cidade de Morrinhos, não muito perto da praia, pode ser visto pelo navegante que veleja até dois graus além da costa.

A segunda surpresa de Pinzon foi o serrote de Jeriocoacara. Guiado pelo morro do Mucuripe, descobre esta outra elevação semelhante a Cabral que, orientado pelo monte Pascoal se dirigiu para terra firme. Pinzon, então, mais seguro, lança âncoras na ponta de Jericoacara dando-lhe o nome de Santa Maria de La Consolacion. Alonse de Chaves citando antigas crônicas diz: "Este Cabo es el que mas sabe al norte de toda esta costa". Acredito que toda a controvérsia a respeito do local da chegada de

Pinzon ao Ceará seria dirimida se os historiadores, antes de falarem sobre a descoberta do Ceará por Vicente Pinzon, tivessem conhecido o morro do Mucuripe, sua localização e o seu descortínio no mar. Foi, portanto, quase no mesmo local em que Jeronimo de Albuquerque edificou seu entreposto de Guerra para poder expulsar os franceses do Maranhão que Vicente Pinzon fundeou suas embarcações. Aí deixou uma Cruz, sinal da fé que envolvia todos os acontecimentos sociais, políticos e econômicos da Península Ibérica.

O grande navegador espanhol não tomou posse da terra descoberta porque já sabia que ela pertencia a Portugal em virtude do Tratado de Tordesilhas assinado entre sua pátria e aquele país segundo o qual todas as terras, de pólo a pólo, distantes 370 léguas a leste das ilhas de Cabo Verde seriam portuguesas. Sua posse, portanto, não seria reconhecida. Por outro lado, através de fontes diplomáticas, tinha conhecimento das intenções portuguesas em assegurar a posse das terras a que o Tratado de Tordesilhas lhe assegurara. Preferiu deixar apenas um marco que marcasse a sua ação pioneira em terras brasileiras. A Cruz.

Concluindo: Pinzon, orientado pelo morro Mucuripe começou a velejar em sua direção. Ao passo que outras partes da costa iam aparecendo, avistou o serrote de 150 metros de altura na ponta de Jericoacara. Ao chegar bem próximo à praia avistou a baía das Tartarugas onde ancorou suas naus. A data deste notável acontecimento ainda não está bem precisa. Na opinião de uns foi no dia 26 de janeiro de 1499; na opinião de outros foi em janeiro ou fevereiro de 1500.

O roteiro de sua histórica viagem ficou logo conhecido, pois algum tempo depois Diogo de Lepe — outro navegador espanhol — estivera no mesmo local quando teve a oportunidade de encontrar a Cruz deixada por Pinzon.

Não é, portanto, acertado dizer-se que Pinzon descobriu o Ceará; nas praias de Fortaleza (ponta do Mucuripe) ou em Aracati. Os acidentes geográficos acima mencionados elucidam toda a questão a respeito do ancoradouro das naus de Vicente Pinzon. Quem duvidar pode fazer uma viagem de Morrinhos onde repousa como gigante o morro do Mucuripe visto até um grau de latitude sul até Jericoacara onde se encontram o serrote com seus 150 metros de altitude, a ponta de Jericoacara e a Bahia das Tartarugas.

O DESCOBRIDOR VICENTE PINZON E A REGIÃO CENTRO NORTE

Indiscutivelmente o navegador espanhol Vicente Pinzon descobriu o Brasil antes de Cabral, ou seja, em 1499. Foi exatamente na atual Ponta de Jericoacara que ele desembarcou.

Guiado pelo Morro do Mucuripe cuja altitude se eleva a 370 metros, encaminha-se para a Praia, tendo-o sempre como Farol, como guia náutico. Este Morro, dada a sua elevação, é visto sempre por quem ultrapassa a linha do Equador navegando pelo Atlântico Norte em direção à América do Sul.

O Morro do Mucuripe, situado nas cercanias da atual cidade de Morrinhos, servia de orientação, como aliás ainda hoje serve, a todos os que viajavam a 2º, 46' 30" de Latitude Sul e até um grau de Latitude Norte e a 39º de Longitude Oeste que era a rota seguida por Pinzon, conforme o relato das crônicas deixadas por seu escrivão.

A descoberta de Pinzon logo despertou a curiosidade de muitos navegantes espanhóis e a pressa dos Portugueses em tomar posse das terras a que o Tratado de Tordesilhas lhes dava direito. Assim Diogo de Lepe, logo que teve conhecimento da descoberta do seu colega resolve viajar para o Brasil, seguindo a mesma rota. Necessariamente tinha que chegar no mesmo local e, foi realmente o que aconteceu. Sua alegria foi imensa quando encontra uma Cruz deixada por seu colega. Ele sabia que não poderia encontrar um Marco de Posse de Terra uma vez que este Território já possuía "de direito" Portugal.

Desta data em diante foram ininterruptas as viagens de navegantes para as praias do Ceará. Aos poucos foram fazendo viagens de Cabotagem para o Leste atingindo a Ponta do Mucuripe e para o Oeste Camocim.

A Região Centro-Norte abria-se, assim, para a conquista dos portugueses e espanhóis. A ponta de Jericoacara, tornou-se, desde logo, um posto avançado entre Pernambuco e o Maranhão. Infelizmente as más informações recebidas sobre o Ceará fizeram o Donatário de nossa Capitania Antônio Cardoso de Barros a desistir de sua posse. O Ceará, contudo, continuava como um ponto de referência na Região Nordeste sendo a Baía das Tartarugas o Porto Natural de desembarque.

As contínuas paradas de barcos no local criaram alguns núcleos habitacionais e conseqüentemente a presença de Padres uma vez que, para os Portugueses a catequização e a evangelização dos aborígenes era um dos objetivos primários das conquistas.

A interiorização da região era inevitável e a estrada natural era em primeiro lugar a Bacia do Rio Acaraú e, em segundo lugar as bacias do Acacatiaçu e do Coreaú. Quase contíguo à Praia surge o Aldeiamento dos Índios Tremembés em Almofala. E para se ter uma idéia do que era este local basta ver-se as ruínas de sua Igreja. No frontispício da mesma está colocada em alto relevo a data do Término — 1712. Para a época representava um valor inestimável. A Igreja de Almofala era um marco de civilização, era a presença do homem branco colonizador que já começava a se fixar em terras da Região Centro Norte do Ceará.

Vicente Pinzon, Diogo de Lepe e Américo Vespúcio deixaram uma porta aberta, um convite ao estabelecimento no Vale do Acaraú. Embora a ocupação oficial tenha acontecido muito tempo depois da façanha dos três navegadores espanhóis, contudo a penetração particular, por parte de aventureiros era um fato notório.

O termo de doação da Sesmaria aos Góis prova claramente que esta Região já era conhecida em todas as suas áreas. Os irmãos Góis explicando ao donatário da Capitania de Pernambuco, à qual ficou subordinada a Capitania do Ceará pela negligência culposa de Antônio Cardoso de Barros, afirma que quer colocar seus gados nesta região excelente uma vez que em Pernambuco as terras estão todas ocupadas.

Outro fato histórico importante a considerar nesta região é que os primeiros colonizadores entraram para a Nossa Região partindo da Praia e isto fez com que eles jamais perdessem o contato com suas origens, com suas bases.

Não houve aqui penetração pelo Sul da Região, pelo Leste ou Oeste. Tudo aconteceu do Litoral para o sertão e isto tornava fácil o intercâmbio entre os que se fixavam e os de além Mar. Isto faz compreender esta independência que caracterizava os primitivos habitantes do Vale do Acaraú. A comunicação, relativamente freqüente com os que ficaram além mar levava os habitantes da Região Centro-Norte a conservarem quase o mesmo padrão de vida que levavam em suas terras de origem. Isto determinou um padrão de vida diferente de tal modo

que ficamos conhecidos e distinguidos em toda Província do Ceará Grande, verificando-se, ainda hoje uma certa animosidade entre os sobralenses que, sem dúvida alguma comandaram toda a vida social, econômica e religiosa da Região e o resto do Ceará. Por mais que façamos somos sempre vistos com reserva pelo resto dos cearenses. Na verdade fomos educados com um padrão de vida diferente do resto do Estado.

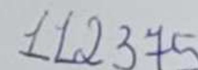
Após o correr dos tempos o Morro do Mucuripe continuava a ser o ponto de referência mais importante para a penetração no Ceará. De Jericoacara, partia-se para Camocim e, daí, para a Ibiapaba. As duas outras bacias hidrográficas da região foram igualmente ocupadas. Não é de admirar, portanto, haver sempre Barcos no Porto de Acaraú esperando por cargas constituídas de "Charqueadas" com destino às grandes metrópoles. No Acaraú foram consruídas as "Célebres Oficinas" destinadas à matança do gado e o devido preparo para o embarque.

Deitado eternamente o Morro do Mucuripe orientava os navegantes, conduzia-os para a Baía das Tartarugas e para as terras da Região Centro-Norte.

Um povo que conhece e ama a sua História torna-se um povo dinâmico e forte.

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE SOBRAL
Lustosa da Costa

Biblioteca Municipal de Sobral Lustosa da Costa

Número do tombo: 

03 JUN. 2009		
22 JUL. 2009		
25 DEZ. 2009		